

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espirita

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

Isidoro Duarte Santos

EDITOR

Pedro C. Dias de Sousa

ANO 2.º

LISBOA, MAIO-JUNHO DE 1941

N.º 11

○ Subconsciente e o Automatismo Psicológico

(Dissociação da Personalidade. Personalidades Mediúnicas)

pelo Dr. António J. Freire

○ estudo do subconsciente, baseado na teoria do automatismo psicológico com as suas correlativas personificações ou «personalidades segundas», (*ainda que de natureza, origem e finalidades diversas*), merece uma particular atenção e exame crítico por parte de todos aquêles que se interessem pelo prestígio e expansão do Espiritismo.

Alguns cientistas, baseados na elasticidade mórbida destas concepções do prof. P. Janet, têm desferido os mais violentos e injustificados ataques sobre o Espiritismo, considerando os médiuns como histéricos psicópatas, automatistas impenitentes, mistificadores incorrigíveis, só tendo por atenuante o seu desequilíbrio nervoso.

Espirita algum medianamente culto poderá contestar a veracidade do automatismo psicológico e dissociação da personalidade, nem mesmo a extensa e prodigiosa esfera de acção do subconsciente, quer captando e assimilando inúmeras impressões-sensações, tanto em estados especiais de aparente vigília

como no sono hipnótico e fisiológico, conhecimentos obtidos subconscientemente à *margem da consciência normal* (criptopsiquia, e criptestesia), quer arquivando-as nos estratos mais ou menos profundos da memória (criptomnésia).

O problema da memória é, de facto, um dos mais transcendentais da fisio-psicologia. O Espiritismo, com a sua sistematização dos corpos fluidicos e espirituais do complexo humano (corpo somático, corpo vital ou duplo etérico, perispírito e espírito), conjugando as correntes vibratórias ascendentes e descendentes entre o psiquismo superior consciente e subconsciente e o psiquismo inferior cerebral, dá, talvez, a melhor solução provisória ao complexo problema da memória móvel e imóvel, superficial e profunda ou criptóide. À memória consciente e subconsciente clássicas, o Espiritismo integra ainda os conhecimentos adquiridos nas vidas passadas (palíngénia), como está comprovado experimentalmente pelas célebres experiências de

regressão de memória do coronel A. de Rochas e doutros experimentadores (1).

É somente depois do estudo dos dois meios, o meio natural, físico, e o meio supra-normal, o *metéter*, empregando o termo do sábio prof. F. Myers, que se poderá compreender o mecanismo da memória nas suas complexas modalidades, e o dinamismo do subconsciente que é, em última análise, a resultante das faculdades latentes, potenciais do perispírito e do espírito à margem da vida psíquica consciente, constituindo o subconsciente o metapsiquismo humano, a metaconsciência ou a superconsciência.

* * *

A noção do subconsciente é moderna. Foi introduzida na fisio-psicologia pelo prof. Pierre Janet, (*L'Automatisme Psychologique*, Paris, 1889), tendo sido objecto, durante o século actual, das mais variadas e confusas especulações por parte de médicos, metapsiquistas e psicólogos.

O subconsciente é, para Janet, uma formação mórbida proveniente da desagregação ou separação permanente duma parte da personalidade, segmento que toma ao eu consciente o contróllo de certas funções orgânicas e psíquicas com a conseqüente formação, por vezes, de personificações parasitárias ou «personalidades segundas».

Paralelamente ao automatismo fisiológico inato que engloba a nossa vida vegetativa (funções da circulação, digestão, endócrina, etc., independentemente da acção do eu consciente) — Janet, a-fim-de fundamentar a sua teoria do subconsciente, lançou mão das teorias subsidiárias do automatismo psicológico e da teoria da morbidez ou patológica como causas determinantes. Da actividade automática, inconsciente, de determinados centros do sistema nervoso dependeriam, paralelamente, tanto o automatismo fisiológico como o automatismo psicológico.

O notável prof. Grasset, fascinado pela atraente miragem do subconsciente de Janet, tenta fundamentá-lo com o seu, não menos imaginário e hipotético «*poligono cerebral*», inspirado nos esquemas cerebrais de Wundt e Charcot.

Para Janet e Grasset a mediunidade é um subconsciente desagregado, dissociado definitivamente do eu consciente. Todos os fe-

nómenos espíritas se explicam pela actividade intermitente dêste subconsciente mórbido. Os médiuns são, em última análise, doentes, nevrópatas, meros automatistas psicológicos, entrando no quadro da patologia.

Pela sua alta situação científica, os profs. Janet e Grasset exerceram grande influência na ciência contemporânea em desprestígio do Espiritismo e mesmo da metapsíquica, apavoreando os médiuns.

A incompreensão de Janet, dos seus partidários e admiradores, derivou do facto de apenas terem estudado e observado no ponto de vista psico-patológico, nos meios hospitalares, entre histéricos, pitiatas e outros nevrópatas. Mas o erro fundamental do prof. Janet consistiu na sua precipitada e anticientífica generalização, abrangendo, na mesma origem mórbida e natureza causal, todos os fenómenos metapsíquicos (anímicos e espíritas) conjuntamente com os fenómenos, ainda que de natureza diversa, derivados do biomagnetismo (sonambulismo), hipnotismo, sugestão, etc.

Tanto Janet, como Grasset, a-fim-de escaparem a graves dificuldades, resultantes da fragilidade das suas precipitadas e intempestivas generalizações, declararam considerar de fraudes ou alucinações patológicas todos os fenómenos espíritas a distância: escrita directa (pneumografia, Kardec), voz directa (metafonismo), telepatia, telestesia, telequinésia (movimento a distância, sem contacto), teleplasmia (ideoplastias e materializações), desdobramento e projecção do duplo (bilocação), etc.

Os profs. Janet e Grasset adoptaram, assim, uma situação cómoda, baseados no caduco conceito — *magister dixit*... — mas em verdade, anticientífica. Demais, Janet procedeu com uma intencional reserva, ocultando as experiências de telepatia, a um quilómetro de distância, que realizou, no Havre, em 1885, com o dr. Gibier, tendo obtido resultados concludentes, como afirmam Gibier, Myers e Bret (2).

(1) A. de Rochas — *Les Vies Successives*, 2.^a ed. Leymarie, Paris, 1924.

Coronel A. Powell — *Le Corps Causal et L'Ego*, trad. franc., ed. Adyar, Paris, 1932.

(2) F. Myers — *La Personnalité Humaine (Sa survivance et des manifestations supranormales)*, Paris, 1927.

T. Bret — *Métapsychique*, Paris, 1927.

Há ainda outra circunstância digna de reparo: os factos supranormais negados intencionalmente, aprioristicamente, pelos profs. Janet e Grasset, acorrentados a um grosseiro materialismo, têm sido verificados por sábios de categoria não inferior à sua: profs. Richet, Hans Driesch, Curie, d'Arsonval, Crooks, Russell Wallace, W. James, Lodge, Barrett, etc., embora alguns dêles não partilhem abertamente a teoria espirita, o que é secundário para êste caso.

Para refutar as incongruentes generalizações a que Janet levou o seu automatismo psicológico, seriam suficientes alguns fenómenos de ordem física ou objectiva, dentro da metergia (levitações, *aports*, assombramentos) ainda que dos mais elementares desta classe supranormal, pois, por desnecessário, não fazemos referência aos mais complexos desta classe: as ideoplastias e materializações ectoplásmicas.

Se da ordem física passarmos à categoria dos fenómenos parapsíquicos intelectuais ou subjectivos, excluindo ainda os perturbantes e complexos fenómenos premonitórios, transcendendo o espaço e o tempo, que enriquecem em grande número a bibliografia espirita, limitar-nos-emos à mediunidade poliglota (*xenoglossia* e *glossolália*).

Factos devidamente autenticados comprovam que médiuns, alguns de idade inferior a cinco anos, expressam-se, durante o transe mediúnico nas sessões espiritas, em vários idiomas completamente desconhecidos no seu estado normal. São clássicos os casos de Laura Edmunds, Helena Smith, Eglinton, Wriedt, Mary Burns, etc., (E. Bozzano-*Xenoglossia* — trad. port. 1933).

Médiuns, por vezes, incultos, analfabetos de dois e três anos de idade, falando e escrevendo correctamente dois, três e mais idiomas, de que não possuíam o mínimo conhecimento fora do transe espirita, deviam merecer dos profs. Janet e Grasset um estudo atento e refletido em vez de se limitarem a rotulá-los de nevrópatas sem previamente os ter examinado. Para homens de ciência desta categoria, êste facto traduz, moral e cientificamente, um abuso inqualificável.

Sejam quais forem as capacidades elásticas que Janet pretenda dar ao seu subconsciente e o prof. Flournoy à sua criptomnésia, o exercício dum idioma, mesmo o mais simples, exige, pela sua complexidade gramati-

cal, estudo demorado, persistente e reflexivo, irreductível às concepções dos ilustres profs. Janet e Flournoy.

O complexo mecanismo teórico e prático dum idioma não pode ser elaborado no subconsciente, «do pé para a mão», muito embora os médiuns poliglotas tenham percorrido de visita as melhores bibliotecas filosóficas do mundo. Seria indispensável admitirmos o atributo divino da onnipotência ao subconsciente de Janet, e o da onisciência à criptomnésia de Flournoy. Ler por clarividência uns trechos num livro fechado e a distância — é um facto verificado inúmeras vezes — mas o exercício teórico e prático dum idioma implica um dinamismo supranormal infinitamente mais complexo. Do máximo pode sair o menos, mas a recíproca seria absurda.

Nem tudo o que é possível teoricamente, é praticamente realizável. Da imaginação à realidade existem abismos profundos e intransponíveis.

Seria um contra-senso admitir que o idioma menos complexo saísse articulado de todas as suas peças durante o transe mediúnico como Minerva surgiu armada «de ponto em branco» da cabeça de Júpiter ou a mitológica Venus da espuma alvinhenta do mar... O milagre operado pelas concepções dos proeminentes profs. Janet e Flournoy seria ainda mais transcendente e divino...

Não é certamente por *geração espontânea subconsciente* que floresce a mediunidade poliglota nas sessões espiritas, como cogumelos em florestas sombrias...

A sua origem é *extrínseca*; por vezes, supraterrrestre, como comprovam os próprios espíritos comunicantes estabelecendo a sua identidade em bases firmes (Bozzano, op. cit; M. Sage, *Madame Piper; proceedings*).

Seria possível admitir que um médium em transe pudesse falar um idioma empregado por êle numa das suas vidas passadas (*palíngénia*). A regressão da memória é um facto assente, (A. de Rochas-«*Les Vies Successives*»), mas não conhecemos facto algum, desta natureza realizado em sessões espiritas experimentais.

Jesus Cristo conferindo «o dom das línguas» aos seus apóstolos, certamente não se serviu do subconsciente do prof. Janet, nem, tão pouco, da reclamada criptomnésia do

prof. Flournoy, nem mesmo do célebre polígono cerebral do prof. Grasset.

Um espirita medianamente culto não pode contestar o poder criptóide do subconsciente, nem a autenticidade da criptomnésia. Estas concepções eram conhecidas dos pioneiros do Espiritismo, dezenas de anos anteriormente aos trabalhos de Janet e Flournoy, como veremos adiante. O que se impõe, por agora, é refutar o delírio das excessivas e anticientíficas generalizações dos notáveis profs. Janet e Flournoy.

O dr. J. Maxwell, médico e jurista, ocupando uma das mais culminantes situações na hierarquia da magistratura francesa, um dos mais proficientes e experimentados metapsiquistas contemporâneos, ainda que não partilhando a teoria espirita, consagra alguns capítulos da sua obra magistral *«Les Phénomènes Psychiques»* à refutação de algumas afirmações dos profs. Janet e Gasset e à reabilitação dos médiuns.

Transcrevemos alguns passos desta obra escrita com inteligência, cultura e probidade científica, elaborada depois de muitos anos de observação e experiências metapsíquicas.

«Os factos,—diz Maxwell—condenam os conceitos de Janet. Eu tenho muita consideração pelo homem distinto de que critico as idéias, mas ainda que admire os seus trabalhos, estou convencido que Janet só observou sensitivos incompletos. Janet considera os médiuns quasi sempre, senão sempre, nevrópatas, francamente histéricos. As minhas observações pessoais contradizem as suas. Tenho visto muitos médiuns. Os melhores não eram nevrópatas. As mais belas experiências que tenho feito têm sido obtidas com médiuns não apresentando estigma algum histérico. Janet parece-me ter até aqui operado somente com doentes, não me admirando, portanto, que ele assemelhe os fenómenos automáticos dos médiuns aos dos histéricos. Eu tenho o dever de protestar contra a generalidade da conclusão de Janet sobre o automatismo psicológico. Os factos dignos de serem observados diferem essencialmente daqueles que apresentam os histéricos. Estes factos não indicam uma «miséria psicológica», pelo contrário; eis porquê: 1.º — os fenómenos observados com bons médiuns não são da ordem dos que se registam entre os histéricos. Não são do género dos factos a que estamos habituados dentro dos hospitais. Os que, como eu, observaram estes factos (*raps*, movimentos sem contacto) não podem atribuí-los a movimentos inconscientes e involuntários, a ruídos contrateis dos tendões, à ventriloquia, como pretende insinuar Janet. As coisas passam-se como se uma força qualquer fôsse produzida pelo médium e os assistentes podendo agir fora dos limites do corpo. Se este facto é exacto, ¿pode-se considerar como secundário e sem importância? ¿Não abre, ao contrário, à psicologia futura a via de observação directa e da experiência, se, como eu tenho regis-

tado, esta força conserva certas relações com a nossa consciência geral? Não é, pois, uma singular maneira de raciocinar a de Janet? Em segundo lugar, estes fenómenos não são indício duma «miséria psicológica dos médiuns», como pensa Janet. Para a compreensão dos factos supranormais observados por mim e por muitos outros experimentadores é necessário estar familiarizado com as obras de Gurney, Podmore, Sidgwick, Myers, Barrett, Hodgson, Lodge, Hyslop, C. du Prel, Perty, Hallenbach, Aksakof, Richet, de Rochas. Não é possível tratar da questão que preocupa Janet sem ter em conta os trabalhos destes sábios franceses e estrangeiros.

«Janet diz não ter lido a *«Philosophie der Mystik»* dum homem como C. du Prel. Janet deveria ler esta obra... e muitas outras. Parece-me estabelecido actualmente que a consciência impessoal (subconsciente) é susceptível de apreender impressões exactas independentemente dos sentidos, trazendo-as à consciência normal duma forma concreta ou simbólica. A forma destas mensagens *subliminais*, empregando a expressão de Myers, é sempre a mesma, seja verdadeira ou falsa; seja uma reminiscência, seja uma premonição. Este facto é duma grande importância, porque nos coloca no caminho a seguir para descobrir o processo mental deste fenómeno psicológico.

O histérico que simulará automaticamente um ébrio, um general, uma criança, dá-nos um espectáculo muito diferente do oferecido por um médium que, pela sua clarividência, observará telepaticamente um acontecimento longínquo ou terá a premonição dum acontecimento futuro ou revelará factos desconhecidos do médium e dos assistentes. Têm-se milhares de exemplos e eu tenho citado alguns em primeira mão.

¿É possível considerar como uma desagregação (automatismo psicológico subconsciente) esta facilidade extraordinária? É possível agrupar estes factos à categoria dos fenómenos banais de sonambulismo e histeria, únicos observados por Janet? A resposta negativa impõe-se à razão.

O mecanismo psicológico destes factos tão dissimilantes entre si é provavelmente o mesmo, mas a causa do automatismo aparente, motor e sensorial, não é certamente o mesmo. O médium, por mim observado, que vê num espelho, com antecipação de 24 horas, factos que se realizaram completamente no dia seguinte, tem uma importância considerável, indicando que o tempo e o espaço sendo função da consciência normal, não tem a mínima significação para a consciência supranormal.

«A concepção de Janet lembra-me a frase de Kant: *«o verbalismo das escolas superiores é, por vezes, um expediente para se furtarem a dificuldades, porque ali é defeso empregar-se a inteligente e honesta expressão — «não sabemos».* A expressão de Janet de «miséria psicológica» aplicada a médiuns, está neste caso. O médium capaz de perceber à distância, no espaço e no tempo, teria faculdades superiores às normais, não sendo, portanto, o ser inferior que imagina Janet.»

«É necessário responder às objecções feitas, sem dúvida, de boa-fé, mas por sábios mal ou incompletamente informados. O prof. Grasset, sábio por quem tenho grande respeito, acaba de publicar o último volume de *«Leçons de Clinique Médicale»*, consagrando um capítulo a *«Le Spiritisme et la Science»*. O prof. Grasset começa por declarar que tomará

Janet por guia porque as suas idéias luminosas, (textual): «são e ficam para ele, Grasset, a única base científica actual de todas estas questões». Julga-se sonhar, lendo esta afirmação, e, no entanto, está impressa e corre mundo.»

«Grasset vai tomar por guia Janet que nada tem visto e observado. Isto faz lembrar a fábula de La Fontaine, mas, desta vez, é o cego que trepa aos ombros do paralítico».

«De maneira que o prof. Grasset vai tratar um assunto tão grave, tão fecundo em consequências novas e imprevistas, sem ter consultado aqueles que têm descrito os fenómenos que Grasset vai apreciar e criticar. O prof. Grasset, que eu muito admiro e respeito, permitirá que um escritor e experimentador independente lhe diga que o seu dever de mestre era de não dar idéias tão incompletas aos seus alunos e leitores».

Lamentamos não ser possível transcrever aqui algumas dezenas de páginas que Maxwell consagra à crítica das obras dos profs. Janet e Grasset. Não seria difícil refutar os argumentos anti-espiritas dos eminentes profs. Janet e Grasset por qualquer espirita medianamente culto. Intencionalmente fizemos aqui esta longa transcrição do dr. Maxwell, devido à alta situação que ocupa na magistratura francesa, sendo também um consagrado metapsiquista, e, muito especialmente, por Maxwell não partilhar a teoria espirita.

O prof. Janet, pela sua situação culminante no mundo científico, foi, talvez, o homem que, directamente, mais concorreu para o desprestígio do Espiritismo, afastando muitos médiuns da sua actividade mediúnica com o justificado receio de virem a ser considerados nevrópatas e degenerados — «*mi-sérias psicológicas*» — na infeliz e pejorativa expressão do prof. Janet.

Tarde, muito tempo depois da publicação das suas obras anti-espiritas, Janet penitenciou-se, parcial e discretamente, no seu prefácio à obra de J. Jastrow, «*Subconscience*». Transcrevemos alguns passos: «Depois da época, diz Janet, em que eu empregava o termo de «subconsciente» num sentido clínico, e um pouco «terra a terra», reconheço que outros autores têm empregado o mesmo termo num sentido infinitamente mais elevado. Tem-se designado por subconsciente actividades maravilhosas que parecem existir dentro de nós, sem que suspeitássemos da sua existência. Este termo tem servido para explicar entusiasmos súbitos e predições de génio. Abstenho-me de discutir teorias tão consoladoras e que são, talvez, verdadeiras. Limito-me a lembrar que me ocupei de coisas

diversas. Os pobres doentes, que eu estudei, não tinham génio algum. Os fenómenos que entre eles eram apresentados subconscientes, eram fenómenos bem simples que entre os outros homens fazem parte da consciência pessoal sem que isto excite nenhuma admiração. Esses doentes tinham perdido a livre disposição e o conhecimento pessoal; tinham uma doença de personalidade; eis tudo.»

Em conclusão: o eminente prof. Janet, consagrado neuro-patologista, limitou as suas observações e experiências adentro dos hospitais, o que não o impedia de levar a sua generalização a todos os médiuns espiritas, sem o prévio e indispensável estudo teórico e prático do Espiritismo.

* * *

O prof. Janet não foi rigorosamente o inovador da teoria do subconsciente, baseado no automatismo psicológico, cujas publicações datam de 1889. A prioridade destas concepções, ainda que diferindo na terminologia e dinamismo, pertence, de facto, aos pioneiros espiritas, como comprova a sua bibliografia.

Allan Kardec, o venerando patriarca do Espiritismo, na sua obra, «O Livro dos Médiuns», cuja 1.^a edição foi publicada em 1857, expõe as modalidades, mecanismo e causas determinantes da psicologia automática. Mas, facto muito mais interessante e elucidativo, os próprios espíritos, vindos das regiões supraterrrestres, através das suas comunicações por escrita automática (psicografia) e por incorporação, também desde o início do Espiritismo (1847), punham de sobreaviso os experimentadores espiritas relativamente aos diversos mecanismos dessas mensagens mediúnicas. Neste sentido transcrevemos alguns trechos duma comunicação espirita publicada em *La Revue Spirite*, de 1865, pág. 154: «É de absoluta necessidade não atribuir a espíritos elevados essas mensagens mediúnicas, sem fundo nem forma, reunindo o ridículo à banalidade, vindo assinadas por nomes ilustres de homens falecidos. A mediunidade verdadeira e digna só se pode exercer em cérebros providos duma instrução suficiente ou, pelo menos, de valor moral comprovado. Só os melhores médiuns recebem o afluxo espiritual; os outros recebem simplesmente a impulsão fluídica material

que arrasta as suas mãos *sem fazer produzir à sua inteligência outra coisa além do que ela contenha no estado latente*». Mais adiante continua: «A ciência tem falsos sábios; a mediunidade tem falsos médiuns no ponto de vista espiritual. Ensaio estabelecer aqui a diferença que existe entre os médiuns inspirados pelos fluidos espirituais e aqueles que só agem *sob a influência fluidica corporal*, cuja ressonância física apenas determina a produção confusa e inconsciente das suas próprias idéias ou idéias vulgares sem alcance.»

Allan Kardec comentando esta comunicação espírita no mesmo número de *La Revue Spirite*, entre outras judiciosas considerações, diz: «Ainda que o estudo desta parte integrante do Espiritismo — a mediunidade — esteja longe de estar completo, nós estamos já distantes do tempo em que se acreditava que seria suficiente receber uma impulsão mecânica para se rotular de médium, julgando-se aptos a receber comunicações dos espíritos. O progresso da ciência espírita, enriquecendo-se, dia a dia, de novas observações, mostra-nos a quantas causas diferentes e a influências delicadas, de que se não suspeitava, são submetidas as relações mentais com o mundo espiritual.»

As teorias do prof. Janet são de 1889; as observações de A. Kardec e dos espíritos desencarnados são de 1865, sendo transparente o conceito do autodinamismo psicológico e do subconsciente.

Logo nos primórdios do Espiritismo, os observadores e experimentadores da velha-guarda — da época heróica — como Jackson Davis, em 1855, Metzger e outros pioneiros espíritas, nas suas obras salientam as diversas causas determinantes da escrita automática ⁽¹⁾.

Hudson Tuttle, célebre médium intuitivo norte-americano, do meado do século passado, insistiu sobre a origem humana de muitas mensagens espíritóides.

Em A. Aksakof — «Animismo e Espiritismo», trad. port., 1890 — com a sua classificação dos fenómenos supranormais nas três classes: *personismo*, *animismo*, *espiritismo*, a questão da causalidade fica definitivamente determinada.

Por *personismo* considera Aksakof os fenómenos psíquicos inconscientes, produzidos nos limites da esfera corporal do médium,

por vezes, expressos em *personificações*, adoptando nomes e carácter estranhos ao eu consciente do médium. A mesa falante, a escrita automática e a palavra inconsciente constituem os fenómenos rudimentares do mediunismo, provenientes do desenvolvimento da consciência. «Os factos desta categoria — diz Aksakof — revelam-nos o grande fenómeno da dualidade do ser psíquico, da não identidade do eu individual interior, inconsciente, com o eu pessoal, exterior e consciente, provando-nos que a totalidade do ser psíquico, seu centro de gravidade, não está no eu pessoal».

Por *animismo* considera Aksakof os fenómenos psíquicos inconscientes fora dos limites corporais do médium: telepatia, transmissão do pensamento, movimentos de objectos sem contacto (telequinesia), etc.

Por *Espiritismo*, designa Aksakof, os fenómenos de personismo e de animismo na aparência, «porém que reconhecem uma causa extraordinária, supraterebre, isto é, fora da esfera da nossa existência».

Este resumo, extremamente sucinto, do pensamento de Aksakof, um dos mestres do Espiritismo, prova à evidência que os profs. Janet, Grasset e Flournoy não vieram dar novidades aos espíritas que, muito anteriormente aos trabalhos destes mestres consagrados na ciência contemporânea, já conheciam muito mais profunda e completamente a teoria, técnica e diferenciação das três classes dos fenómenos supranormais: *personismo*, *animismo* e *espiritismo*.

* * *

Os ataques dirigidos contra o Espiritismo visam especialmente os fenómenos supranormais da ordem intelectual ou subjectiva, nomeadamente os automatismos gráfico e verbal (psicografia e encorporação), precisamente os mais vulgares nas sessões espíritas experimentais. Impõe-se, pois, a necessidade de determinar as causas que podem provocar estes dois géneros de fenómenos.

Alguns espíritas, incipientes e nocivos, animados dum entusiasmo irreflectido, consideram todas estas mensagens provenientes de espíritos desencarnados; enquanto que os

(1) J. Davis — *The Present and Inner Life*.

adversários do Espiritismo pretendem englobá-los integralmente dentro do quadro do automatismo psicológico do médium, como produtos da dissociação, desintegração ou disjunção do seu psiquismo cerebral, à margem do eu consciente, e consecutiva formação e autonomia das «personalidades segundas». Tanto uns como os outros pecam nas suas insubsistentes e excessivas generalizações.

A observação e a experiência comprovam que a escrita automática pode ser provocada por causas de ordem variada, de causalidade e finalidade já diferenciadas e sistematizadas dentro do Espiritismo:

1.^a — O *automatismo psicológico* de origem mórbida, patológica, dominante nas psicopatias, particularmente na histeria e pituitismo (Babinski), quando caracterizadas pela instabilidade da síntese psíquica com a consequente formação das personalidades alternantes parasitárias, falando ou escrevendo inconscientemente. Casos: C. Beauchamp, do prof. Morton Prince; Lúcia, do prof. P. Janet, Leônia, do prof. Binet, etc. Cumpre registar que alguns autores consideram o caso Beauchamp e outros, ainda que enquadrados no domínio da neuro-patologia, como *obsessões astrais intermitentes*. Nesta orientação, há curas espiritas comprovativas.

2.^a — O *Biomagnetismo* e o *Hipnotismo* podem determinar, pelos seus variados processos técnicos, a escrita automática nos *passivos*, por sugestão imediata ou post-hipnótica. É conveniente acentuar a diferença profunda que vai dum *passivo hipnótico* a um médium espirita. Os *passivos* são, em geral, médiuns inferiores, devido à sua extrema suggestibilidade, podendo, no entanto, produzir interessantes trabalhos anímicos, mas, raras vezes, acabam por apresentar fenómenos espiritas de valor. São portadores dum maior número de auto e hetero-sugestões, inconscientemente recalçadas, e, por vezes, autores, mais ou menos conscientes, de desagradáveis mistificações. Seja qual fôr a aparente analogia entre a hipnose e o transe mediúnico, a diferença é profunda na sua causalidade, finalidade e dinamismo. Nas sessões espiritas experimentais impõe-se uma decisiva preferência pelos verdadeiros médiuns espiritas, pondo de parte os *passivos hipnóticos* para outra ordem de trabalhos, assim como se deve excluir dessas sessões os hiper-sensiti-

vos e histéricos, cujas doenças intensificam-se-iam pelo exercício desse género de trabalhos, aumentando-lhes o desequilíbrio e dissociação na sua síntese psíquica. Esta selecção impõe-se como um dever moral.

3.^a — A *Telepatia* (comunicação mento-mental e emocional por meios extra-sensoriais entre o agente emissor e o percipiente receptor). As mensagens telepáticas podem influenciar os médiuns psicográficos intuitivos, enquanto que os médiuns mecânicos só podem ser actuados directamente. A acção telepática pode ser de origem anímica, entre vivos, e de origem supraterebre provindo de espíritos desencarnados como agentes emissores. Há casos elucidativos registados na bibliografia espirita (G. Delanne, «*Les Apparitions Materialisées des Vivants et des Morts*, 2 vls., in-8, 1909, Paris).

4.^a — O *Animismo*. Neste grupo devem ser abrangidos os factos de psicografia obtidos pelo desdobramento (bilocação) dum espírito encarnado indo actuar pelo seu duplo directamente sobre o médium psicógrafo, (E. Bozzano, «*Las comunicaciones médiumnicas entre vivos*», trad. esp. Barcelona, 1936).

5.^a — O *Espiritismo*. Será desnecessário insistir sobre as inúmeras mensagens espiritas psicografadas, obtidas pela acção directa de espíritos desencarnados, devidamente verificadas as suas identidades depois de rigorosa análise e minuciosos inquéritos. Seriam muito mais que suficientes as registadas em dezenas de volumes dos *Proceedings*, publicadas por sábios de renome mundial, membros das Sociedades de Investigações Psíquicas anglo-americanas. Neste grupo impõe-se o dever de incluir as sensacionais «correspondências cruzadas» (*Cross-correspondances*) psicografadas parceladamente, por médiuns desconhecidos uns dos outros, a grandes distâncias (Oliver Lodge — «*La Survivance Humaine*»). A todos aquêles que, de ânimo leve, supõem que a escrita espirita automática apenas produz banalidades, devemos lembrar, além de dezenas de artigos, as publicações recentes de «*A Grande Síntese*», trad. port., obtida pelo notável médium Ubaldi Pietro, obra de alto valor científico e filosófico, e o magnífico volume de Símbolo «*La Tombe Parle*», publicado sob o patrocínio do consagrado escritor espirita Azam, de *La Revue Spirite*.

Além das cinco causas determinantes já

mencionadas, outras, ainda que raras, podem provocar a escrita automática: o *sonambulismo espontâneo* e a *ideoplastia*, em que os estigmas tomam a forma de mensagens gráficas epidérmicas.

* * *

As personificações histeróides e pitiáticas, em geral provenientes de auto-sugestões recalcadas, (por vezes autênticas mistificações), provocando a desintegração patológica do eu consciente, expressa nas «personalidades segundas», divergem das personificações hipnóticas, fictícias e temporárias, provocadas pela sugestão do hipnotizador que se apossa do psiquismo superior consciente, eclipsado durante a sugestão.

Estes dois grupos de personificações, enquadrados no automatismo psicológico subconsciente de Janet, diferem profundamente, na sua natureza, causalidade, dinamismo e finalidade, das personalidades mediúnicas caracterizadas por uma acção espiritual supra terrestre, organizadas, e dirigidas, autónomamente e em plena liberdade de acção, durante o transe mediúnico, pela actividade de espíritos desencarnados. A demasiada extensão deste artigo só nos permite examiná-las sucintamente:

a) as personificações histeróides e hipnóticas declaram-se de origem interna, intrínseca, considerando-se detentoras do eu consciente, usurpando a autocracia do agrupamento psíquico individual, enquanto que as autênticas personalidades mediúnicas declaram sempre a sua completa autonomia, afirmando insistentemente serem entidades de pessoas falecidas, há mais ou menos tempo, tendo apenas utilizado o dinamismo vital do médium para a sua manifestação terrestre, fornecendo, por vezes, as provas mais concludentes da sua identidade;

b) enquanto o rendimento moral e mental das personificações histeróides e hipnóticas se resume a *pastiches* de significado insignificante, meros títeres movidos pelo capricho flutuante de auto e hetero-sugestões, as personalidades mediúnicas apresentam, por vezes, mensagens escritas ou verbais do mais alto valor moral e mental, em função do valor e cultura do espírito comunicante e das capacidades e condições inerentes ao médium, e

ao meio ambiente das sessões experimentais. Estas mensagens de valor variado, se muitas vezes são banais, em compensação, algumas vezes, ultrapassam infinitamente os conhecimentos conscientes e subconscientes dos médiuns e dos assistentes e, quando de *natureza premonitória*, transcendem o espaço e o tempo, acabando, em geral, por se realizarem integralmente.

Ultimamente, os cultos e perseverantes espiritas anglo-americanos, habilíssimos e engenhosos experimentadores, obtiveram, dos espíritos comunicantes, além das *cross-correspondances*, a que já fizemos alusão, os *book-tests* e os *newspaper-tests*. Nos *book-tests* o espírito comunicante dicta ou escreve trechos de livros raros, conservados em bibliotecas desconhecidas do médium e dos assistentes. Nos *newspaper-tests* o espírito comunicante apresenta trechos textuais de obras inéditas que só serão publicados tempos depois por escritores encarnados (G. Delanne — *Recherches sur la Médiumnité*, Paris, 1923).

Parece-nos, salvo erro, e com o devido respeito por sábios e professores tão ilustres, que estas novas modalidades do mediunismo espírita são irredutíveis às concepções e acrobacias do automatismo psicológico subconsciente de Janet, à reclamada criptomnésia de Flournoy e ao polígono cerebral de Grasset.

É doloroso observar quanto os preconceitos de escola, traduzidos no mais empedernido agnosticismo, conturbam, obscurecem e desvairam talentos tão privilegiados e brilhantes, precipitando-os nas mais ilógicas e anti-científicas generalizações, incompatíveis com a natureza e dinamismo dos factos observados adentro do espiritismo.

A doutrina espírita tem um trabalho sumamente importante a realizar na reconstituição espiritual do mundo. Não vem, como um novo dogma, a impôr a crença na imortalidade do espírito, por simples profissão de fé, nem a oferecer-se aos homens livres com os mesmos argumentos das religiões. O seu ideal é uma força dinâmica que engrandece e desperta as forças morais e espirituais do homem, pela demonstração tangível da existência do espírito e sua evolução criadora pelas vidas sucessivas.

Humberto Mariotti

O PROBLEMA DA MORTE

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

I

O Problema da morte tem sido encarado, sob múltiplos e desencontrados aspectos, por variados autores de todas as épocas, conforme as idéias religiosas ou irreligiosas que professam; mas, até hoje, ninguém o esclareceu e o pôs em equação com tanto brilho e clareza, como os investigadores espiritualistas, como o demonstram os seus aturados e persistentes trabalhos, levados a cabo com uma proficiência inatacável.

Entre todos os perquiridores deste grande e eterno problema, destaca-se o professor de teologia da Universidade de Reykjavik, Haraldur Nielsson, desencarnado em Março de 1928.

Este digno e honrado pastor protestante, arrostando com o sarcasmo, a rotina e a inércia da sua Igreja e dos seus concidadãos, dedicou-se, durante mais de três lustros, aos problemas da vida *postmortem* e, após aturadas investigações na Islândia e na Inglaterra, coroadas de êxito, chegou à conclusão de que o Evangelho do Cristo não colide com a filosofia espírita, nem proíbe a experiência dos fenómenos espíritóides, como pretendem certos corifeus das várias Igrejas Cristãs.

No seu pequeno livro, traduzido em cinco idiomas, intitulado «Minhas experiências espíritas» e vertido em português por Francisco Klörs Wernek, Nielsson expõe detalhadamente o esforço que consagrou às suas laboriosas pesquisas.

Mas não nos antecipemos. Debrucemo-nos um pouco sobre este inquietante problema, encarando as hipóteses explicativas mais correntes: materialista-agnóstica, católica, protestante, panteísta, e, finalmente, a que mais nos interessa: a hipótese espiritualista.

A hipótese materialista-agnóstica

Esta hipótese, a menos lógica e a mais vulnerável, tem, contudo, muitos adeptos, especialmente os que vivem mais para os sentimentos grosseiros ou que, fanatizados pelas idéias filosóficas positivas, só acreditam no que vêem e apalpam. Pertencem a este grupo, especialmente, os fisiologistas acérrimos, porque, quando escalpelizam os cadáveres, não encontram a

alma. Daí, a sua descrença na sobrevivência do espírito, após a morte do corpo físico.

A-pesar do estudo da filosofia oficial nos ensinar que possuímos corpo e espírito, nunca nos mostra como é que o espírito evoluciona e como se prova a sua existência. Dêste modo, a legião de estudantes, saídos dos Liceus e das Faculdades, já indiferentes pelos estudos filosóficos, continua a desconhecer e a descrever na maravilhosa ciência da verdadeira vida, que é a vida espiritual após a desencarnação.

Para o materialista, portanto, a única preocupação é gozar a vida, enquanto dura, e, quem vier depois, que feche a porta...

Uns são materialistas, porque só leram a filosofia positivista de Comte, Littré e seus continuadores; outros, porque, imbuídos de idéias envelhecidas, mantêm-se agarrados a elas, como últimos abencerragens.

Há-os ainda por comodismo, por indiferentismo, por ignorância e até por interesse de seita ou *partipris*.

Os mais intransigentes, porém, são os que, a-pesar dos seus conhecimentos, só acreditam na ciência oficial, porque a consideram o modelo-padrão e a única infalível e aceita pela maioria.

São aqueles que, como nos diz Allan Kardec no «Livro dos Espíritos», «por uma aberração da inteligência, só vêem nos seres orgânicos a acção da matéria e a esta atribuem todos os nossos actos. No corpo humano, apenas vêem a máquina eléctrica; somente pelo funcionamento dos órgãos estudaram o mecanismo da vida, cuja repetida extinção observaram, por efeito da rutura de um fio, e nada mais enxergaram além desse fio.»

Encarada a vida física por este prisma, o materialista vive, assim, despreocupado das consequências do seu ponto de vista, acerca de tão momentoso problema. Entretanto, quando prestes a fazer a última viagem, se ainda lhe restam alguns vislumbres da moral cristã, em geral penetencia-se do seu erro e entra no limiar do astral, mais conformado com a nova existência a empreender.

Há outros, porém, — como temos observado nas sessões espíritas — que persistem nas suas opiniões materialistas e com muita dificuldade são depois edi-

ficados pelos espíritos-gulas, encarregados do seu progresso espiritual.

Há ainda um grupo de materialistas que modificaram as suas idéias porque descreram na eficácia dos dogmas ortodoxos e dos princípios que, até certo dia, respeitaram. Logo que, por acaso, tomam contacto com a nossa doutrina, um raio de luz penetra nos seus cérebros e convertem-se a ela, pela fé raciocinada, com alegria e confiança. Foi dêste grupo que vieram muitos pioneiros da nossa Causa e que a têm prestigiado. São estes os que melhor sabem compreender os nossos princípios filosóficos e doutrinários, porque, comparando-os com os que renegaram, os acharam mais lógicos e mais harmónicos com a ciência de Deus e a dos homens.

As várias categorias dos nossos adversários não terminam aqui. Elas são vastas, e se os leitores as quiserem verificar tôdas, remeto-os para «O Livro dos Médiuns», capítulo III, de A. Kardec, donde extraio o seguinte passo:

«Uma classe muito numerosa, talvez a maior de tôdas, que, entretanto, não pode ser classificada entre as oposicionistas, é a dos *indecisos*; êsses, são *espiritualistas* por princípio, a maior parte dêles têm uma vaga intuição das idéias espiritas, aspiração de alguma coisa que não podem definir; só lhes falta coordenar e formular os pensamentos; o Espiritismo é para êles um como traço de luz, a claridade que dissipa o nevoeiro; por isso, acolhem-no com solicitude, porque êle os tira das angústias da incerteza.»

A hipótese católica

Vamos agora analisar a hipótese católica.

A Morte, através do prisma católico, já não é encarada com a indiferença condenável do materialista ateu. O homem, aqui, já se inquieta, e bastante, com as conseqüências futuras, porque a sua preocupação de atingir o céu, leva-o a modificar-se moralmente e procura ser coerente com a doutrina cristã. Como o Inferno e o Purgatório são para êle etapas indesejáveis, procura, se é sincero, contribuir o mais possível para que Deus o não condene àquelas penas e o receba na sua mansão de paz beatifica e estática, eternamente no gozo das benções celestiais...

Todavia, para muitos, para aquêles cuja consciência os acusa de qualquer pecado inconfessado, a Morte apresenta-se-lhes como tortura cruciante, fazendo-os descrever na eficácia do perdão sacerdotal. Para estes filhos de Deus, ilaqueados pelos dogmas que revestem a Religião Católica Apostólica Romana, o momento fatal da morte do corpo físico deve ser terrível. O seu espírito, conturbado e mortificado pela

Dúvida, deve estar na expectativa que sentem os que, ao entrar no Inferno de Dante, pensam constantemente no célebre verso n.º 9 do canto III:

¡Lasciate ogni speranza, voi che entrate!

São estas as conseqüências dos dogmas que paramentam o Catolicismo. O espírito não pode pensar livremente nem discordar das determinações e princípios de Roma. Ou crês, ou morres! ¡Quantos materialistas não tem feito esta intolerância! Se o católico sincero e crente tem a sua consciência tranqüila, bem está, porque então a sua posição no momento solene da morte deve ser semelhante à do espírito e o passamento não o amedronta nem os suplicios do Inferno se lhe antolham horripilantes. Mas muito poucos devem ser estes católicos. Só os justos e os inspirados estarão verdadeiramente nêsse caso, tocados pela graça divina e dignos de receberem as revelações celestiais. São os que constituem os quadros de honra das agiografias da Igreja, conhecidos pelo nome de Santos, mas que afinal não são mais nem menos do que espíritos superiores, embaixadores espirituais, com a missão de completar a obra de Jesus Cristo.

O maior número, a grande massa anónima dos crentes dêste rito, mercê da ignorância crassa e incapacidade de reflexão, essa, constitui o rebanho de Panurgo!

Isto explica muita perseguição à expansão das verdades reveladas através de toda a Idade Média e a intolerância que a humanidade sofreu durante esta noite de dez séculos.

Mas a Providência invisível patrocinou sempre os espíritos e fortaleceu-os para suportarem estoicamente todos os ultrajes e tôdas as perseguições.

«A própria Igreja Romana — diz o Dr. Lobo Vilela no seu belo opúsculo «A morte é vida» página 29 — a própria Igreja Romana, que combate o Espiritismo como manifestação diabólica, quando os fenômenos se produzem dentro das suas muralhas, chama-lhes *milagres*, e *santos* aos que os produzem. Os anais religiosos mostram bem que a vida dos *santos*, assim como a de muitos homens ilustres, tem sido uma comunhão permanente com o mundo dos espíritos.»

Mas a Igreja não combate só o Espiritismo; ela combate tudo quanto possa alterar ou susceptibilizar os seus princípios e insubsistentes à lógica e aos factos incontroversos da ciência. Por isso a Igreja é a instituição mais conservadora das suas prerogativas.

Para fazermos uma idéia das características dos dogmas da Ortodoxia Católica, que a tornaram cada vez mais distanciada da simplicidade da doutrina do Cristo, basta citar êste bocadinho de oiro: «Todos os

dogmas foram revelados à Igreja por Deus, e a quem não crer, anátema!

É portanto o monopólio da Verdade e a lei da rólha. Daqui não se pode fugir. Ou crês, ou és anatematizado; mais claramente: excomungado...

A hipótese protestante

Para o protestante, a Morte é vista por um prisma um pouco diferente, se bem que ainda muito distanciado daquele por que nós, espíritas, o encaramos.

Do opúsculo «O aspecto cristão da morte e do destino», do reverendo inglês W. M. Clow, de Glasgow, vamos compulsar alguns períodos, que nos edificarão a este respeito. Vejamos este, por exemplo:

«A morte é como uma porta para uma cidade sagrada; o cair num sono, para despertar numa vida eterna; uma curta e rápida jornada para o lar de Deus. É o ponto de vista cristão da Morte.»

Depois, este ilustre reverendo, usando e abusando dos textos bíblicos para se escudar nas suas afirmações categóricas, afirma que «as principais explicações da *Society for Psychical Research* parecem para a maior parte dos homens uma mentira.» E mais adiante, referindo-se ao «Raymond», do dr. Oliver Lodge, sentencia: «Se não houvesse nenhuma outra prova da imortalidade, além mesmo das mais fortes e mais sadias provas dos relatos desta Sociedade, os homens seriam justificados na negação da vida futura.»

Quer dizer, para este corifeu do protestantismo, nada valem as honestas e perseverantes investigações dos seus compatriotas William Crookes, Lodge, Conan Doyle e tantos outros.

Até que ponto as idéias preconcebidas cegam os homens! Mas o argumento decisivo e incontroverso para o nosso reverendo inglês Clow, é a Epístola aos Hebreus IX-27, que diz o seguinte: «*Está ordenado aos homens morrerem só uma vez, vindo após isto o juízo.*»

Nós sabemos muito bem que a exegese dos textos bíblicos é muito difícil, e essa dificuldade deu origem às variadíssimas seitas protestantes espalhadas pela Inglaterra e América. Sabemos, também, que os referidos textos devem ser interpretados, não à letra que mata, mas em espírito que vivifica. A este propósito, elucida-nos bastante o seguinte passo, de Allan Kardec, do «Evangelho segundo o Espiritismo», 1.^a edição, pág. 294:

«Infelizmente, os adeptos da nova doutrina não se entenderam a propósito da interpretação das palavras do Mestre, cuja maior parte estava velada sob a alegoria e a figura; daí o nascerem, desde o começo, numerosas seitas, que pretendiam, todas, possuir ex-

clusivamente a verdade, e dezóito séculos não bastaram para as pôr de acôrdo.»

Estas palavras sensatas e verídicas, já nos põem de sobreaviso sobre a hermenêutica do supracitado versículo da Epístola de S. Paulo aos Hebreus.

E se elas não fôsem suficientes, bastava compulsar «A vida de Jesus», de Ernesto Renan, o celeberrimo escritor francês que, em 1860 e 1861, chefiou a missão científica, destinada à exploração da antiga Fenícia, residindo nas fronteiras da Galileia e percorrendo-a de lés-a-lés. Ali, nos próprios locais onde se desenrolou a vida do Mártir do Gólgota, Renan teve diante dos olhos um *quinto evangelho*, como ele diz. Pois bem, apesar-de ele admitir como autênticos os quatro evangelhos canônicos, surpreendemos-lhe esta afirmação: «Com efeito, certas partes do quarto evangelho foram-lhe acrescentadas a *martelo*!»

Mesmo comparando as várias versões dos textos bíblicos, conforme as diversas igrejas cristãs, eles por vezes desorientam-nos pelas suas pequenas discrepâncias.

Portanto, se nós, à luz das novas interpretações que os espíritos superiores deram aos textos sagrados, dissemos que «está ordenado aos homens morrerem só uma vez, em cada vida», creio que completamos o pensamento de S. Paulo sem o trair, nem desmentir alguns passos dos outros apóstolos, que confirmam a reencarnação, exuberantemente. Basta para isso ler o Evangelho de S. João, III-3-7; Mateus, XVII 10-13 e XXIV 3-4 e Lucas, IX 7-9. Estes são suficientes para nos demonstrar que o homem não morre só uma vez, senão alegoricamente. Mas pergunto: porque é que Mr. Clow não cita estes passos da Bíblia?

Continuando a folhear o referido opúsculo, verificamos que os protestantes só admitem o Céu e o Inferno. Ouçamos a prosa infalível de Mr. Clow: «As duas alternativas são o Céu e o Inferno. Em todos os credos antigos estes dois estados do sêr são declarados absolutos, fixos e eternos.»

Creio que estas inspiradas afirmações de Mr. Clow são suficientes para nos fazer compreender a ética do rito cristão fundado por Lutero e Calvino. Há todavia um período no supracitado opúsculo em que o seu autor confessa o seguinte: «Quando nós tomamos o Novo Testamento, somos enfrentados pelos difíceis problemas da sua interpretação.» Isto diz tudo, e leva-nos a ser indulgentes para a sua retórica infalível. É esta a sua única opinião, com a qual, creio, todos nós, espíritas, concordamos, por ser uma coisa axiomática.

Ser tolerante é um dos princípios básicos da verdadeira Sabedoria.

A. Lobo Vilela

PELA VITÓRIA DO ESPIRITO

Concepções modernas acêrca de origem, evolução e relações recíprocas de matéria, energia, princípio vital e intelectual, dos astros, da terra, do homem e do complexo alma-espírito

Todos os direitos reservados

pelo Dr. Fred

I

○ mais primitivo conhecimento que o homem tinha dos planetas era proveniente da luz irradiada para a Terra, sendo a intensidade desta luz que classifica o planeta e não a sua massa ou volume. Pela luz, pode avaliar-se a cor dos astros e pela sua análise deduzir-se a estrutura destes. Serve para isso um aparelho chamado espectroscópio, fundado no facto de cada elemento químico em incandescência comunicar às chamas uma cor característica. Por exemplo, se deitarmos qualquer sal de sódio numa chama incolor, esta fica corada de amarelo. Outro metal, daria outra cor. O espectroscópio consiste pois numa origem calorífica incolor, em que a substância a analisar é levada à incandescência (bico de Bunzen, arco voltaico, tubos de Geissler, etc.). A luz formada, atravessando uma ocular que paraleliza os raios divergentes da origem luminosa, incide num prisma de vidro; dá-se a dispersão da luz (em casos determinados e empregando, em vez do prisma, rês especiais ou uma fenda, dá-se a refacção da luz). Em qualquer caso, forma-se o chamado espectro óptico, que é recebido, através duma luneta focável, pelo olho do observador (pode-se-lhe também adaptar com vantagem uma câmara fotográfica).

O espectro visível consiste numa série de riscas diferentemente coradas, características para cada elemento, e a ordem por que se sucedem estas cores (radiações monocromáticas) é a observada no espectro solar ou arco-íris: vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anilado e violeta; é a escala luminosa chamada *gama cromática*. Conjuntamente com a imagem do espectro, o observador vê a imagem duma escala milimétrica graduada que indica o comprimento de onda da respectiva cor. Comprimento de onda duma radiação electro-óptica é o caminho que a onda percorre durante um período oscilatório. Esta distância para as radiações visíveis, varia entre 8 décimos milésimos de milímetro (para o vermelho extremo) e 4 décimos milésimos de milímetro (para o violeta extremo); na mesma medida em que diminui, o período, aumenta a frequência da radiação.

Se examinarmos o espectro da luz duma estrela (o Sol, por exemplo), veremos também uma série de riscas negras correspondentes a determinados comprimentos de onda (riscas de Fraunhofer). É interpretando tôdas estas riscas que podemos saber a composição físico-química da estrela, ou, melhor, da sua atmosfera incandescente.

É claro que, como no espectroscópio, só apreciamos as cores visíveis, isto é, os comprimentos de onda para nós perceptíveis, não quer dizer que não haja na estrela mais elementos a que correspondam, «no espectro», zonas para nós invisíveis.

Os «espectros ópticos» formados duma sucessão contínua de riscas coradas, como o arco-íris, chamam-se *espectros de emissão*. Mas as radiações luminosas gozam da seguinte propriedade: são absorvíveis pela própria substância que as origina. Quer dizer, se um vapor metálico incandescente emite, por exemplo, uma radiação amarela, esta radiação será absorvida pelo vapor do próprio metal, se o encontrar no seu trajecto.

Assim, se uma origem luminosa emitir um conjunto de radiações visíveis (cada uma com o seu comprimento de onda); se este feixe radiante complexo tiver de atravessar um meio em que existam alguns dos elementos da origem luminosa incandescente, há radiações absorvidas, que não aparecem, portanto, no «espectro óptico», e cujo lugar é assinalado pela ausência de luz: uma risca negra. Estes espectros ópticos, formados duma sucessão de riscas negras em fundo claro, cromático, chamam-se *espectros de absorção*. No mesmo aparelho — espectroscópio — cada risca negra de absorção forma-se no local em que apareceria por emissão, corada, se não tivesse sido absorvida. Isto é importante para o estudo da *constituição das estrelas*. Se encontrarmos riscas negras na análise espectroscópica da luz duma estrela, deveremos concluir pela existência dos respectivos vapores na atmosfera da estrela, salvo se fôr uma absorção causada pela atmosfera terrestre (riscas telúricas), o que é sempre fácil de distinguir.

Daqui a pouco, entraremos em mais pormenores sobre a composição dos astros. Antes, porém, vamos dar uma idéia fugaz dos seus movimentos e da grandeza formidável da Natureza e o seu dCriador. Sol, planetas e satélites, movem-se todos na mesma direcção, girando em volta do seu eixo, mais ou menos inclinado sobre o plano da sua órbita. Rodando os planetas e a nossa Terra em volta de si mesmos e em volta do Sol, todo o sistema solar se move em direcção a um certo ponto do céu, chamado *Apex*. Este movimento de translação do sistema solar, realiza-se dentro da nossa constelação de Hércules e à velocidade de 20 km/seg. Vê-se que a mesma causa deve ter posto em movimento todo este mundo, regulado pelas mesmas leis inteligentes e harmónicas em toda a parte. É conveniente lembrar que a mecânica do céu é regulada como explicam as conhecidas leis de Kepler e a lei da atracção universal de Newton, que ensina: dois pontos materiais atraem-se com uma força dirigida segundo a linha que as une, força directamente proporcional ao produto das massas e inversamente proporcional ao quadrado das distâncias.

É esta lei que explica que toda a matéria terrestre está sujeita à gravidade da terra.

Seja, desde já, porém, dito que a validade da lei de Newton foi bastante limitada por Einstein, que mostrou ser a lei inaplicável para valores ultra pequenos ou ultra grandes da distância entre as duas massas atractivas, o que acontece nos domínios intratômicos e nos espaços siderais. Duma maneira geral, pode dizer-se, segundo investigações efectuadas durante muitos anos, que as estrelas seguem duas grandes correntes que se atravessam e se dirigem para pontos celestes determinados. Cada estrela tem seu movimento próprio; mas, no seu conjunto, repito, tendem para um determinado alvo: *Apex*. As estrelas mais velhas têm movimento, temperatura e composição diferente das novas.

Apresentemos algumas cifras para fazermos uma vaga idéia da imensidade deste universo, em que giram cerca de dez biliões de estrelas. O Sol é 109 vezes maior do que a Terra; porém, o seu diâmetro é só metade do das estrelas Sírius e Vega. A estrela Capela, da constelação do Cocheiro, tem um diâmetro 20 vezes maior do que o Sol, o qual só nos parece o maior astro, porque é a estrela mais próxima de nós; distamos dela só 150 milhões de km, como se verifica pela triangulação astronómica.

Dissemos, inicialmente, que os astrónomos classificam os astros, não segundo o seu tamanho, mas pela sua luminosidade. ¿Será o Sol, então, nesta escala, o mais luminoso? Não: 26 vezes mais luminoso é Sírius; 10.000 vezes mais, Denep; 80.000 vezes mais, Capela e Cànopus.

Há 22 estrelas de primeira grandeza, nesta classificação. ¿Porque são, então, estas estrelas mais brilhantes do que o Sol, que é, para nós, a de maior intensidade luminosa?

A distância da Terra e a temperatura interior da estrela influem na luminosidade. A temperatura superficial do Sol é de 6.500° centígrados; a de Sírius é 11.000°; o Cocheiro por exemplo, que é 3.500 vezes maior do que o Sol, brilha pouco, só tendo a temperatura de 1.400° C.

Vemos a importância da distância. A lua dista da Terra 384.400 km; o Sol, repito, 150.000.000 km; Mercúrio dista do Sol 580.000.000 km; Marte 227.000.000 km, e o último planeta, Plutão, 9.015 milhões de km. ¿Ainda haverá astros mais distantes? A nossa estrela fixa mais próxima, Alfa do Centauro, dista de nós 40 biliões de km....

Sírius dista de nós 150 biliões de km e a estrela polar 460 biliões. Muito mais distantes, ainda, estão as nebulosas espirais que, nesta zona afastada, fogem de nós com a velocidade de 40.000 km/seg. ¿Existe, então, o infinito de Euclides?

¿E esta extensão, imprópriamente chamada espaço, não seria infinita mas só ilimitada, ou haverá limites nesta imensidade?

Como sabemos, a luz percorre no vácuo 300.000 km/seg. É costume avaliar em anos-luz as distância a que estão os astros, sendo um ano-luz a distância que a luz percorre num ano, equivalente a 10 biliões de km. Pois, se acendermos agora uma lâmpada em Alfa do Centauro, a luz só nos atingirá daqui a muitos anos.

Como há formações celestes, tão distantes que, — mesmo contando em anos-luz — a sua distância seria expressa com muitos algarismos, inventou-se uma nova medida: o *parset*, equivalente a 3,6 anos-luz; e há *kiloparset* e *megaparset* (1 milhão de *parsets*).

Os Gémeos distam da Terra 60 anos-luz. É impossível fazer-se uma idéia destes valores, visto que já a velocidade de translação da Terra, 30 km, nos custa a conceber...

A Via Láctea, com os seus mil milhões de estrelas, caminha à velocidade de 300 km/seg., em direcção da estrela Capela, sendo a distância média entre duas estrelas da Via Láctea mais que 100.000 vezes o raio da Terra. ¿Como nos parece agora pequena a velocidade do nosso sistema solar, no seu movimento em direcção da estrela Vega, com a velocidade de 20 km/seg.!

Há uns 3 milhões de sistemas lácteos; mas, a olho nú, só conseguimos distinguir umas 2.500 estrelas. As estrelas andam com enorme rapidez e o aspecto geral do céu muda por completo em 10.000 anos.

Os raios luminosos das estrelas de 15.^a grandeza precisam de 300 anos para chegar à Terra, quer dizer, iluminam-nos com raios que irradiaram nos tempos da guerra dos Trinta Anos. As estrelas distantes, por exemplo, até 10.000 anos-luz, nem mesmo visíveis pela chapa fotográfica, emitiram os seus raios luminosos há 10 mil anos e nós recebemos as suas radiações com a qualidade da sua emissão originária. Deve haver também estrelas que emitiram luz muito antes, até, da formação da Terra e cujos raios ainda não nos atingiram. Deve haver, igualmente estrelas, formadas há poucas dezenas de anos e de que ainda não recebemos as primeiras radiações luminosas. Finalmente, deve haver estrelas que ainda vislumbramos, mas já há muito apagadas.

A teoria da relatividade de Einstein modifica as noções de espaço e tempo. Se, por exemplo, um observador fictício olhasse, de avião, o relógio de um edifício, com os ponteiros nas 12 horas, por exemplo, e se afastasse do relógio com a velocidade da luz (300.000 km/seg.), seria para ele sempre meio-dia, porque os raios luminosos seguintes nunca o atingiriam.

Este observador não teria a noção do tempo, ou, melhor, para ele o tempo seria infinito e o espaço nulo, porque não teria a noção de se afastar do relógio.

Se se afastasse do relógio com velocidade maior do que a da luz, «o que nem a teoria da relatividade admite» captaria as imagens saídas do relógio às 11 horas, 10 horas, 9 horas, etc.; enquanto o tempo, para ele decorreria ao contrário: apenas veria os acontecimentos passados, a começar pelos mais antigos. Pois bem: Aos habitantes das estrelas, que caminham com velocidade maiores do que a da Terra, aconteceria o mesmo: veriam os nossos actuais acontecimentos, como acontecimentos antigos, e os nossos antigos, como modernos.

Outro facto interessante: Einstein observou que as riscas do espectro luminoso duma certa estrela, se deslocavam ligeiramente, retomando a mesma posição, no decorrer dum ano. Porque será? Supunhamos um rio que arrasta pedaços de madeira. Se estivéssemos parados dentro dele, apanharíamos, por exemplo, 10 pedaços por segundo. Mas se corréssemos rio acima, apanharíamos, no mesmo tempo, mais pedaços de madeira. Ora, a Terra move-se em direcção de estrelas fixas; se uma estrela tem no espectro uma risca de certo comprimento de onda e nós, «em cima da Terra», nos movemos em direcção à estrela, apanhamos, no mesmo tempo, — deixem-me assim dizer, — mais pedaços de madeira, isto é, mais vibrações, e a cor «sobe» no espectro, pelo nosso movimento, em relação à estrela: durante seis meses, aproximamo-nos dela e, durante outros seis, afastamo-nos.

Mencionamos estas teorias de Einstein, para mostrar que as observações espectrais, como todos os fenómenos, são relativas.

A velocidade das estrelas também não é, sempre, a mesma.

Não se pode determinar, assim, o instante absoluto em que uma estrela está mais próxima do Sol, isto é, no periélio. Anàlogamente sucede com o planeta Mercúrio, que atinge o periélio, antes do momento calculado.

Explica Einstein que a aparente variação de velocidade de Mercúrio, neste momento, reside na variação da sua massa, grandeza que não é constante na teoria da relatividade, aumentando com a energia adquirida. Mas, porque mudou a massa? Porque, em virtude da aproximação do Sol, Mercúrio sofreu um aumento de velocidade, para que o conseqüente aumento da força centrífuga equilibre a maior atracção solar, devida à diminuição da distância. Este acréscimo de energia corresponde a aumento de massa; a velocidade resultante diminui e o instante do periélio é avançado.

O nosso mundo consiste em sistemas bem regulados. Assim, o sistema dum astro com os seus satélites, chama-se *sistema solar*; muitos sistemas solares formam uma acumulação de estrelas, ou *constelação*; e muitas constelações formam um *sistema lácteo*, havendo milhões destes sistemas.

Como vemos nós tantos mundos? Pelas radiações luminosas, transmitidas através dos espaços etéreos. A ciência baseada nestas comunicações luminosas chamamos *fotoquímica das estrelas*, pois estas radiações, únicas comunicações das estrelas — não falando das possíveis mensagens de entes transcendentais — permitem concluir a composição química dos astros.

Antes de estudar a estrutura dos astros, falemos do meio em que se propagam as radiações que deles emanam.

Como a Física não considera a energia senão ligada à matéria, não se admitem ondas luminosas, sem um meio material em que se propaguem.

Quer a luz seja a propagação de ondas electromagnéticas, ou, simultaneamente, o fluxo de corpúsculos imateriais, é sempre preciso conceber um meio em que se propague. Como se desconhece este meio, idealiza-se um meio hipotético chamado «éter».

Não falemos agora dos «aéteres» dos teosofistas, dos rosacruzes, «aéteres» de vida, de luz, de reflexão, com os seus polos positivos e negativos; não falamos destes fluidos etéreos, de que se servem os ocultistas para explicar os fenómenos metapsíquicos, mas apenas nos referimos ao éter físico ou mecânico (Lodge, Kelvin, Helmholtz). Frequentemente, os próprios ocultistas e, até, Bozzano (cf. «Enigmas da Psi-

cometria»), não distinguem os dois éteres; e não pode ser de outra maneira (sabendo que o *aéter* teosófico difere do espacial, seria melhor designar aquêle por outra palavra, e, em primeiro lugar, determinar, cientificamente, a sua constituição).

Até hoje, nem se sabe o que é o *éter* físico, por não se tornar perceptível directamente aos nossos sentidos e instrumentos, a-pesar das teorias que o idealizaram com um conjunto de propriedades quasi absurdas; ora, este *éter* simultaneamente fluido (os corpos celestes movem-se nêle) e sólido (propagação da luz) não pesando, mas tendo enormíssima densidade (depende apenas da massa), sendo inerte, dieléctrico, descontínuo e infinitamente elástico; estando fora da lei da gravitação, penetra tudo, confundindo-se com o próprio espaço. Se, na realidade, existisse, este *éter* devia provocar uma estagnação na frente da Terra, que o penetraria, como um navio singrando no oceano. Então, este «vento de *éter*» travaria o movimento da Terra, cuja velocidade diminuiria e, segundo a lei de Newton, tenderia para o Sol. Devíamos sentir estes turbilhões nas observações astronómicas. Esta célebre experiência crucial (interferómetro de Michelson-Morley em 1887) tem sido escrupulosamente repetida, dando inicialmente resultado negativo que foi preciso confirmar com novas hipóteses (contração Lorentz-Einstein); todavia, ainda não se pode tirar uma conclusão definitiva, pois alguns autores (Miller, etc.), repetindo as experiências, verificaram a existência dum arrastamento parcial do *éter* (numa camada intermediária) a elevadas altitudes, embora tal resultado fôsse contestado. Outro fenómeno importante a favor da existência do *éter* seria a «aberração» da luz na camada intermediária (relacionada com a de Heavenside), tão notável nas observações astronómicas. Mesmo aceitando que o *éter* penetrasse os planetas, ou, melhor (visto o *éter* não ter movimento, mas sim a Terra), estes penetrassem no *éter*, devia a velocidade da luz ser variável nas direcções da propagação; ora, o seu valor é constante, para um certo meio.

As maiores dificuldades que se opõem à concepção do *éter* mecânico são os fenómenos da gravitação que sobre os corpos tem acção atractiva, directamente proporcional às massas, quando cálculos de física-matemática levam, antes, a considerar as superfícies.

A desistência da teoria electromagnética de Maxwell fez abandonar este conceito, que a ninguém satisfazia, de *éter* físico. Mas o aparecimento das novas teorias explicativas dos fenómenos energéticos radiantes levou à concepção dum novo meio hipotético, também descontínuo e não homogêneo. Mais modernamente, o conceito modificou-se e admite-se hoje, com efeito, a existência dum *éter* espacial com

um mínimo de propriedades a determinar, não sendo confirmadas as propriedades do meio em que actua (são, entretanto, definidas as qualidades electromagnéticas). Mesmo Einstein considera o *éter* como meio puramente físico e transmissor dos efeitos da inércia. Como sempre, somos forçados a conceber esta nova hipótese de trabalho. Moreux acha indispensável abandonar o antigo atomismo para adoptar a 4.^a dimensão do hiper-espaço.

Para Lodge, o *éter* tem, não só interacção na matéria, mas também interacção mental e espiritual. Para os espiritas, como Bozzano e outros, é também um outro *éter* (*aeter*) fictício que enche o espaço infinito e que explica todos os fenómenos transcendentais, assim como é matéria rarefeitíssima que compõe o chamado «fluido universal», duplo etéreo, perispírito, penetrando tudo e dissipando nêle os próprios átomos.

O conceito panteísta-espiritualista conduz à concepção do *Aeter-Deus* que transporta consigo a idéia directriz, inteligente e imanente que rege os fenómenos da vida do Cosmos. Este *aéter-Deus* é imaterial, onnipotente, autoconsciente, em que se banha e de que se alimenta e do qual é saturado o corpo espiritual, à semelhança do corpo físico, com relação ao oxigénio do ar.

E é devido a este *aéter* que todas as vibrações se conservam registadas, fixadas por êle ao lugar onde foram recebidas. Mesmo admitindo e aceitando que as formas fluídicas dos astros, das coisas, dos vegetais, animais e seres humanos, apareçam antes das formas reais moldadas por este fluido, nem assim se explica que as formas fluídicas sejam formas etéreas, ectoplasma e *aeter* vitalizado. Ora, isto são palavras, pois ninguém sabe o que é «*aéter*». Muito menos podemos imaginar que todos os corpos sejam *aéters* rarefeitos, matérias refinadas do *aéter*, que toda a massa e atracção sejam energia deste *aéter* (à qual regressam por radiação) e os electrões sejam girostatos constituídos por turbilhões etéricos e toda a energia seja derivada de movimentos, isto é, de vibrações do *aéter*. Nem é também de admitir que o *aéter* (igual ao *Akasa* e *Koilon* dos orientistas, ao *aor* dos Hebreus) seja uma forma de transição entre matéria e energia (vamos ver que a matéria nasce da energia), nem que este *aéter-éter* (já se confundem o *éter* espacial com o fluídico) seja o pai do hidrogénio, menos e electrão. É impossível! Ficando o protão, que tem peso, como seria o *éter* imponderável? E como a metapsíquica quer ser uma ciência e há uma física, como uma fisiologia dos espíritos, tem que se pôr de parte o *aéter* fluídico ou, então, admitindo esta denominação, relacioná-lo com o *éter* espacial e, finalmente, saber em que consistem ambos

(gases rarefeitos, matéria quintessenciada, energia radiante?).

¿Que vem, então a ser, o éter? Apenas uma «espécie de muleta para a ciência». ¿Não se fizeram, acaso, observações em laboratórios para verificar se há ou não há, realmente, qualquer matéria cósmica, muito rarefeita que seja?

Acabamos de ver que se consegue determinar temperatura e composição dos astros pela análise espectral. Observou-se que várias estrelas, por exemplo, as do grupo Orion, são duplas; podemos dizer que têm um perispirito. À nossa vista só distingue uma estrela que é constituída por duas visinhas; o espectro luminoso dêse par de estrelas não é constante; as riscas variam com o movimento das estrelas, mas não todas; as correspondentes ao cálcio, sódio, titânio, etc., não se modificam: não são, portanto, provenientes da luz das estrelas, pouco condensada, mas de natureza química conhecida, portanto muito diferente do hipotético éter. ¿Será, então, esta matéria cósmica portadora das radiações? E conforme a densidade dessa matéria (que não é sempre a mesma em todos os pontos do Universo), ¿não será diferente a absorção e a intensidade da luz? E mesmo assim, tão quintessenciada, esta matéria cósmica poderá interceptar completamente a luz. Ora, parece que o vácuo absoluto não existe; que há uma matéria extremamente rarefeita que se condensa em certos lugares, formando nebulosas e depois estrelas e mundos. Todavia, matéria cósmica e éter são muito diferentes. Ninguém conhece a natureza deste éter fictício, inter e entreatómico, em que se propagam, segundo uma das teorias, as ondas luminosas vindas das estrelas. Esta teoria está hoje posta de parte, por não explicar vários fenómenos luminosos recentemente descobertos, efeito Compton, (desvio de electrões pelo choque com elementos de radiação), efeito fotoelétrico, (emissão de electrões por um método irradiando luz), efeito Raman (choque de fotões com átomos), etc.).

Supõe-se hoje que as radiações luminosas consistem no transporte de corpúsculos sem massa, de natureza electromagnética, emitidos pela origem luminosa, chamados fotões. Estes propagam-se mesmo no vacuo sem necessidade da intervenção do éter ou qualquer outro meio. Contudo, estes fotões existem associados a uma «onda», que os dirige. A favor da teoria das ondas, temos os fenómenos da interferência e os anéis da difracção. O comprimento de onda varia e é inversamente proporcional à quantidade de movimento dos fotões. O nosso espectro luminoso não é classificado apenas pelos comprimentos de onda das radiações que o compõem, mas também pela quantidade de fotões que são transportados. Quanto mais fotões da mesma veloci-

Curso de Espiritismo "Jorge Spero" de Buenos Aires

O *Boletín de la Agrupación Estudiosa Camilo Flammarion*, de Buenos Aires, insere o programa do Curso de Ensinos Espiritas «Jorge Spero» (ciclo de 1941), que nos deixou profundamente impressionados, em virtude da matéria a estudar e dos conferencistas escolhidos para tão formosa campanha de cultura espiritual. Damos, ao acaso, alguns títulos de conferências:

«Conteúdo ético-moral da escola espirita», «Os princípios da Vida: Espírito e Matéria», «A Morte e para lá da Morte», «A Mediunidade e os factores biotipológicos», «Léon Denis, ou a filosofia duma nova cultura» e «A Posição do Espiritismo em face dos conhecimentos científicos e filosóficos», do nosso redactor-correspondente Dr. Luís M. di Cristóforo; «Caracteres essenciais do Espiritismo», «O Fenómeno da moldagem na obra de Geley», «Um testemunho terminante de reencarnação», «Os poetas e a poesia espirita» e «Espiritismo, Telepatia e Metapsíquica», de A. Barcón; «Um teorismo engenhoso: O polígono de Grasset» e «Ensaio de introdução aos estudos filosóficos», de H. J. Meson; «A geometria euclidiana e a não euclidiana» e «Sinopse dos conhecimentos astronómicos, desde os tempos primitivos até Copérnico», de F. Anguita; «O conceito da alma através dos tempos», de S. Volpe; «Uma viagem inter-planetária», de E. Ferruelo», etc., etc. São, enfim, trita lições que devem ser esplêndidas, atendendo à craveira mental dos professores.

A última 2.^a feira de cada mês é destinada ao 2.^o ciclo de Extensão Universitária e Cultural.

O MATERIALISMO

Afirmo sem hesitar que o materialismo é o maior e o mais grave erro do espírito humano e que a evidência da sua absurdidade se demonstra por inúmeros fenómenos, de cuja realidade já não é possível duvidar.

Os partidários da ciência materialista julgam conhecer toda a ciência humana; mas, não podendo explicar esses fenómenos, negam-nos ou os consideram ilusões, como se todas as possibilidades houvessem de estar contidas no círculo dos seus conhecimentos, como se na terra e nos céus, conforme diz Shakespeare, apenas existissem as coisas imaginadas pela nossa filosofia.

C. Picone Chiodo

dade, maior intensidade luminosa; quanto maior frequência, mais vibrações da onda associada, mais a radiação, no espectro, se aproxima do ultravioleta. A trajectória da propagação das radiações é perturbada pela existência de quaisquer campos eléctricos ou magnéticos (da Terra ou de qualquer outro astro, mas independentes da gravitação universal.

RELIGIÕES

M/jun/41

pelo Coronel Faure da Rosa

I

A palavra «religião» vem do latim *religio*, *onis*, de *religo*, *arc*, que quer dizer ligar fortemente. Por extensão, talvez, deu-se-lhe um significado mais amplo e estabeleceu-se que a «ligação» é a do homem a Deus. Assim, «religião» significa para toda a gente «o culto que se presta à Divindade».

Dizia Pasteur que «a idéia de Deus é uma forma da idéia do Infinito. Ninguém pode eximir-se a proclamar a existência do Infinito. A noção do Infinito tem o duplo carácter de impor-se e de ser incompreensível. Quando esta noção se apodera do entendimento, ao homem só resta prosternar-se.»

A vida terrena, toda feita de contrastes, não pode deixar de ter uma força psíquica em oposição à força física. A essa força psíquica é lícito chamar «magnetismo divino» que actua na alma humana como as forças físicas actuam no Oceano e na própria Terra.

O homem primitivo não podia imaginar o mundo como uma grande máquina obedecendo a princípios e a leis. Sem conhecer ainda outra causa do movimento e da acção, além d'ele mesmo, o homem acreditava que detrás de todo o movimento e de toda a acção havia um ente semelhante a ele. Desta maneira teriam nascido os inumeráveis deuses antigos antropomorfos.

E como o homem é sensível à lisonja e à súplica; como o homem se deixa enternecer por quem saiba fazer-lhe vibrar as cordas da sensibilidade, os deuses — na crença do homem primitivo — também deveriam ser acessíveis por processos semelhantes.

Letourneau afirma que as raças inferiores — como os habitantes da Terra de Fogo, da Tasmânia, da Austrália — não tinham nem templos, nem sacerdotes, nem ritos. A religiosidade consistia, então, em acreditarem na existência de espíritos, antropomorfos ou zoomorfos, espalhados pelas rochas, grutas, árvores... por toda a parte e em todas as pessoas, coisas e animais.

Mas a idéia de comunicar com os espíritos, de influir nas suas decisões por meio de oblatas, de genuflexões, de preces... só muito mais tarde acudiu ao homem com o progresso da inteligência e do raciocínio. É então que se edifica o templo e que aparece o sacerdote, o doutor da lei, que, de boa ou má

fé, se arroga o privilégio de comunicar com os espíritos.

A crença na imortalidade da alma é mais antiga do que a crença nos deuses. A magia foi a ciência do tempo em que o antropomorfismo reinava como senhor absoluto. Distinguiam-se duas espécies de magia: a malfazeja, denominada *Goécia* e cujos efeitos atribuíam aos génios maus, e benfazeja, chamada *Teurgia*, cujos actos eram tidos como produção dos génios bons.

No século XVI substituíram as palavras «goécia» e «teurgia» por estourtras expressões: «magia negra» e «magia branca». Ambas as magias, porém, eram conhecidas pelo nome comum de «feiticaria», a qual podia ser definida como a arte de operar prodígios com o auxilio ou o concurso do «diabo».

Os escritores da época — tantos religiosos como laicos — apresentavam o feiticeiro como entidade que evocava os mortos, predizia o futuro, transformava os elementos... enfim, consideravam o feiticeiro uma entidade para quem o prodígio era um hábito corrente da vida normal. E toda a gente acreditava nisto com uma fé tão arreigada, tão completa, como jamais foi igualada em nenhum tempo, segundo afirma Michel Sage.

Esta superstição causou vítimas, porque os próprios homens instruídos, e até os sábios e os filósofos dêsse tempo, não opunham a menor objecção a tais crendices.

Para Tylor ⁽¹⁾ a inteligência humana preocupou-se, ao princípio, com duas categorias de fenómenos biológicos: a diferença entre um corpo vivo e um corpo morto, e a causa da vigília, do sono, da doença, da morte. Em seguida, ocupou-se, também, com a natureza das formas humanas que aparecem nos sonhos e nas visões.

Lucien Henry ⁽²⁾ diz que «o agnóstico Spencer dá como ponto de partida das religiões a idéia do «duplo». O selvagem vê-se em sonhos, vê a sua própria imagem reflectida na água e acredita na existência de dois seres distintos que se assemelham: ele e o «duplo», duplo que subsiste depois da morte.»

(1) *Civilisation primitive.*

(2) *Les Origines de la Religion.*

O cientista alemão Cunow, citado pelo materialista Lucien Henry, sustenta a tese de que a idéia da alma nasceu da observação da natureza d'ele mesmo. Tal asserção escandalizou Lucien Henry e por isso, simplesmente, o considera um pseudo cientista.

Lafarge, a quem Lucien Henry reconhece méritos excepcionais, escreve ⁽¹⁾: «Há problemas da vida e da natureza que, desde sempre, preocuparam o espírito do homem. Desde que ele começou a reflectir, procurou resolvê-los como pôde e como lhe permitiam os seus conhecimentos. Os singulares fenómenos fisiológicos do sono e do sonho, que perturbaram Pascal e que ainda não tiveram explicação satisfatória, inquietam vivamente o selvagem que, para os explicar, inventou a alma...»

A simples circunstância de Lafarge falar em «espírito» e «alma», valeu-lhe que Lucien Henry achasse «eminentemente lamentável» que ele tivesse empregado termos que de alguma maneira exprimem idéias animistas...

Para ser cientista cem por cento, pelo visto, na opinião do incrêdo Lucien Henry, é indispensável pertencer ao grupo dos «sem Deus».

Entretanto, ele mesmo reconhece que a religião deriva do animismo: sem espírito, sem alma, nenhuma religião poderia existir, no que todos estão de acordo. Mas, para Lucien Henry, o animismo é uma criação da comunidade primitiva, uma invenção do selvagem, portanto, sem realidade.

Certo é, porém, que, a-pesar-de vivamente combatido pelos materialistas, o animismo é admitido pela grande maioria dos etnógrafos, como o próprio Henry confessa.

Como apareceram as religiões?

São numerosas as teorias relativas à origem das religiões, mas só me ocuparei das principais.

Teorias sobre a origem das religiões

Segundo Max Muller, os primeiros objectos da adoração religiosa e do culto foram as forças da natureza, à frente das quais estava o sol. Todos os etnógrafos estão actualmente de acordo em reconhecer que os factos contradizem o naturismo.

As forças da natureza foram divinizadas, de-certo, numa etapa tardia do desenvolvimento social, pelos pastores e cultivadores.

Veio, depois, o culto dos antepassados e a crença na alma.

Max Muller reconhece que existe no homem um sentimento religioso inato, ou melhor, uma tendência para o Infinito, um desejo de compreender o incompreensível.

Escreve Max Muller ⁽²⁾: «A religião é uma faculdade do espírito que, independentemente — direi mais — que a despeito dos sentidos e da razão, torna o homem capaz de apreender o Infinito sob nomes e aspectos variáveis. Sem esta faculdade nenhuma religião seria possível, nem mesmo o culto mais desautorizado de ídolos e de feitiços, e, por pouca atenção que prestemos, poderemos ouvir, em qualquer religião, um gemido do espírito, um ruído do esforço para conceber o inconcebível, para exprimir o inexprimível, uma aspiração para o Infinito, para o amor de Deus.»

As teorias *pró-monoteístas*, segundo Creutzer, tiveram por promotor o inglês Andrew Lang, o qual, depois de combater o naturismo de Max Muller e de ter assegurado o triunfo da antropologia em detrimento da filologia védica — sob a dupla influência de Darwin e de Tylor — lançou uma nova teoria fundamentada no espiritismo norte-americano: a noção de Deus-Pai, que seria permanente; teria existido um monoteísmo primitivo.

A argumentação de Lang para sustentar esta tese é simplicíssima: o selvagem sabe que é ele sósinho que fabrica determinada ferramenta; por consequência, o mundo que o rodeia, por um raciocínio análogo, deve ser obra dum único criador. Mas, Deus não é só criador; também é legislador, porque o selvagem faz com que a mulher e os filhos lhe obedeam e, ele próprio, observa escrupulosamente os tabus, os feitiços.

O etnógrafo alemão Honrad Preuss apresenta uma teoria pela qual a religião, as diferentes ideologias, e, mais geralmente, a própria vida social, derivam da magia, da feitiçaria.

Segundo os preanimistas, o animismo não é a forma primitiva da religião. O etnógrafo inglês Marrett, que emite a nova teoria, entende que o animismo foi precedido dum período caracterizado por aquilo a que ele chama «animatismo»; isto é, o homem primitivo, sob o império do medo permanente, atribuiria às coisas uma força imanente e misteriosa. A crença nos espíritos teria sido precedida pela crença em um poder terrível, impessoal, destituído de todo o carácter físico, que só se manifestava nos corpos materiais, sem que, todavia, estivesse ligado a eles de maneira durável, constante.

O autor afirma que, a-pesar-de os preanimistas — e só eles — o animismo e a magia são as formas primárias da religião, como o demonstra o estudo dos elementos prearqueológicos e prehistóricos. Os mais

⁽¹⁾ *Le déterminisme économique de Karl Max.*

⁽²⁾ *Introduction à la Science de la Religion.*

antigos tûmulos conhecidos, que testemunham a crença religiosa em um espírito ou numa alma, remontam à época musteriana — o homem de Neanderthal enterrado com as suas armas de sílex.

Horvitt, que estudou as tribus do sudoeste australiano, conta que um dia um indígena lhe disse: «Se durmo, vivo num país longínquo e vejo também aqueles que há muito tempo morreram; e não só os vejo como também lhes falo.»

Para os psicoanalistas freudianos tudo é sexo; para os materialistas dialécticos tudo é estômago.

Mas Horvitt demonstra que a psicoanálise reduz o social ao individual, o individual ao sexual, e o civilizado ao primitivo. «O freudismo» — diz êle — «faz da religião, quer queiram quer não, um fenómeno eterno, inerente à humanidade.»

Um ferrenho materialista dizia que «a magia é essencialmente religiosa como a religião é essencialmente mágica. É um trocadilho irreverente que, apenas, consegue... fazer sorrir.

Levy Brühl afirma ⁽¹⁾ que o homem, quando morre, deixa de fazer parte do grupo dos vivos, mas não deixa de existir. Únicamente passou dêste mundo para outro.

«Os mortos têm necessidade dos viventes, como os viventes necessitam dos mortos.» Embora esta frase de Levy Brühl seja intencionalmente sarcástica, certo é que sintetiza a portentosa atracção do neo-espiritualismo como o demonstra o facto espirita, — a comunicação entre os habitantes da Terra e os do Além.

«No fundo de tôdas as religiões antigas — escreve Lvisy ⁽²⁾ — encontramos um ciclo de festas que se destinavam, em primeiro lugar, não precisamente a santificar o ano, mas a governá-lo, a promover e a regular o movimento da natureza, o curso das estações e o da vegetação.»

Tylor diz que tanto nos povos selvagens como nos civilizados, a base real de tôda a filosofia é o animismo.

A palavra «Deus», em tôdas as religiões, é destinada a exprimir a idéia da força universal, eternamente activa, que imprime movimento a tôda a natureza. Mas esta força universal obedece a leis que os mais contumazes incréus reconhecem... E a idéia de leis implica, forçosamente, a idéia dum organizador, duma Inteligência Suprema que as fizesse, que as desse.

Sonhos espirituais

«É evidente» — escreve MacBride ⁽³⁾ — «que uma crença na sobrevivência da alma é parte funda-

mental da equipagem mental humana. Assim tem sido desde o princípio. A pesar-de ocasionalmente suprimida, lá está sempre no subconsciente, profundamente oculta nos recessos do nosso ser».

Foi a força psíquica que criou o sonho espiritual a que se chama «Religião». Variável com as raças e com os indivíduos, êsse sonho espiritual começou por ser ingênuo e grosseiro. Depois, foi, simultaneamente, cruel e dóce, benéfico e malfazejo, Tornou-se, sobretudo, um instrumento de luta e de progresso.

Dentre os sonhos espirituais da Terra, sobressai o do Egito que criou Osiris, o deus único, belo, justo e perfeito e que entreviu a escala ascensional do progresso e a vida eterna.

Houve o sonho de Zoroastro, o legislador religioso da Pérsia que atribuía todos os acontecimentos dêste mundo à luta dos dois princípios, o Bem e o Mal, e prometia a vitória do Bem na consumação dos séculos. Para êle o fogo purificador era o símbolo da divindade. A religião de Zoroastro ainda hoje é professada na Índia pelos Parses que conservam a sua alta moral. O seu catecismo é do mais puro cristianismo.

Houve o sonho panteista de Brama e o de Buda, o reformador, a princípio atesta e que veio a reconhecer por Deus «O Grande Todo».

Houve os sonhos fantásticos, enormes, dos Fenícios e dos Assírios. Houve o grande sonho filosófico, o sonho dos gregos, do qual os romanos viriam a apoderar-se.

Houve o sonho monoteista de Moisés, inspirado pela mitologia egípcia, que continha o germen do cristianismo.

Houve o lindo sonho de Jesus de Nazaré cujo verbo místico, de alta espiritualidade e de moral pura, se robusteceu nas margens do Tibre e deu ao Ocidente uma religião e uma Igreja.

Finalmente, houve o sonho de Mahomet que, na sua origem, foi afável e humano, mas, depois se tornou em sonho de conquistador, ambicioso e cruel.

O legislador religioso da Pérsia, Zoroastro, instituiu a festa anual da igualdade — que o sonho fantástico da igualdade vem de muito longe.

O rei, então, costumava misturar-se com a multidão e conversar com aqueles dos seus subditos que êle tinha como mais úteis.

A' mēsa do rei sentavam-se agricultores e operários a quem costumava dizer: «Do vosso trabalho recebemos nós a alimentação; a nós deveis todos vós

⁽¹⁾ *L'Aure primitive.*

⁽²⁾ *¿Y-a-t-il deux sources de la morale et de la religion?*

⁽³⁾ *Sobre a Evolução.*

a tranquilidade e o bem-estar que disfrutais. Somos, pois, necessários uns aos outros. Vivamos em paz como irmãos.»

Nunca faltaram parlendas dêste género desde os mais recuados tempos. Como sempre, também, nunca elas impediram que os irmãos grandes oprimissem os irmãos pequenos... Na Índia ainda hoje se diz que «o peixe meúdo nasceu para ser comido pelo peixe graúdo.»

Mas certo é que o ideal existia... talvez tivesse existido sempre na alma da terra. De tempos a tempos, o ideal encarnava em um indivíduo que sabia exprimi-lo com palavras mais ou menos eloqüentes. Depois vieram forças inimigas que o sufocaram: a cupidez, a ambição, o egoísmo. E os homens continuaram e continuam a matar-se, a despojar-se, uns aos outros. Entretanto, não se pode negar que cada uma das suas encarnações deixou entre nós mais calor, mais luz.

Um dia — bem longínquo de certo — chegará o triunfo da fraternidade, a divina fraternidade que ninguém neste planeta ainda conhece. Foi êste o lindo sonho do doce Jesus de Nazaré.

Religião estática e dinâmica — ciência das religiões

Bergson entende que há uma religião estática e outra dinâmica. A estática é a natural, nascida da função fabulosa; é contrapêso que conduz à acção dissolvente da inteligência. Esta religião estática é, pela sua essência, a das sociedades humanas fechadas que se opõem a outras sociedades humanas. A religião dinâmica é manifestada, unicamente, por certos indivíduos privilegiados que, graças à intuição, reascendem directamente para a impulsão criadora donde provém. Esta religião dinâmica, universalista e actuante, é a dos místicos.

Bergson refuta a tese que pretende que o misticismo não é mais que uma manifestação de psicose. «Não devemos admirar-nos» — escreve Bergson — «de o misticismo ser acompanhado, algumas vezes, de perturbações nervosas. Também se nos depa-ram dessas perturbações em outras formas do génio, assinaladamente nos músicos. Em ambos os casos são simples acidentes que tanto pertencem à mística, uns, como à música, outros.»

O misticismo leva ao êxtase, e «o êxtase é, simplesmente, o complemento e a consequência do apoderamento do espírito comunicante» (1).

As religiões originam formações colectivas de bem-fazer — diz Lakhowsky (2) — substituindo o nada pela esperança.

«Para nós que vivemos num século de progressos científicos, as concepções teológicas e filosóficas, conservam o seu valor porque são essencialmente espiritualistas e moralizadoras...»

Os espiritualistas — afirma Emile Durkeim, sociólogo francês — prestaram à ciência o grande serviço de combater tôdas as doutrinas que reduzem a vida psíquica a uma simples eflorescência da vida física.

Situação atroz é a do materialista que não acredita em nenhuma sobrevivência do nosso ser depois da morte. Para êle não há mais que desapareção pura e simples, tanto da personalidade como do organismo.

Existe a ciência das religiões, ciência nova cuja autonomia data, apenas, de algumas dezenas de anos (3).

«A ciência das religiões tem por objecto o estudo das religiões, da sua natureza e das suas manifestações...

«O homem, a princípio, é prisioneiro da natureza e dos sentidos; depois eleva-se acima da esfera da sensação e chega à afirmação da sua livre subjectividade; finalmente, a antítese resolve-se na religião perfeita ou absoluta em que a idéia se realiza.

Certos fenómenos biológicos, como o sono, levaram o homem a descobrir em si um princípio distinto do corpo: a alma. Esta alma pode abandoná-lo, reintegrar-se nele, errar livremente por onde quere...

Mas as crenças nada provam se as acções não forem condizentes. As pessoas julgam-se pelo que fazem e não pelo que crêem. Só uma coisa prova que a crença é sincera: procederem como ela manda; procederem conforme as idéias que defendem.

A verdadeira religião, tenha ela a denominação que tiver, não consiste nas manifestações externas nem nos exercícios do culto, mas na prática da Justiça e do Bem.

A Verdade ninguém a conhece. Os homens podem fazer suposições. Tudo o que aventamos não passa de hipótese. Com mais ou menos fundamento, é certo, mas sempre hipótese.

São os factos particulares que nos permitem tirar conclusões racionais por indução. Se as causas fossem tão evidentes como os efeitos, o trabalho do homem seria insignificante. E o progresso, o aperfeiçoamento, só se consegue pelo esforço próprio.

Três grandes religiões dividem os homens: a dos budistas, a dos cristãos e a dos maometanos. Nenhuma delas está de acôrdo em nenhum dogma. Ne-

(1) Frederic Myers: *The Human Personality...*

(2) *L'Éternité, la Vie et la Mort.*

(3) Chantepie de la Saussaye: *História das Religiões.*

Ecos da imprensa espírita

Revista Espírita do Brasil, no seu n.º de Março, insere um bem elaborado editorial, intitulado «Dúvida e Formalismo», de que extraímos os seguintes passos:

Entre o que duvida por amor à verdade e o que tudo aceita por ociosidade mental, o bom senso prefere o primeiro ao segundo. No terreno dos fenómenos espíritos, o exame deve preceder, sempre e sempre, qualquer anuência, porque é muito perigoso, senão contraproducente, endossar, aprioristicamente, determinadas manifestações, sem uma observação rigorosa, a bem da doutrina e da própria verdade. Os que se deixam fanatizar não discutem, não admitem probabilidade de erro, enquanto a experiência, a grande mestra do mundo, aconselha examinar tudo, reflectir sobre tudo, para evitar que as fraudes se anteponham à eloquência da verdade.

E mais abaixo, acêrca dos fenómenos:

Muitos fenómenos, cuja divulgação implica em responsabilidade não pequena, devem ser antecedidos de exame, para que experiências posteriores, muitas vezes ocorridas em sectores contrários ao Espiritismo, não tenham motivo de gaudio ou de ufania. Os fenómenos reais, que constituem o patrimônio inabalável do Espiritismo perante a ciência e a fé, não temem devassa. Mas as manifestações divulgadas precipitadamente ou acobertadas pelo apanágio do fanatismo, podem envolver no bojo grandes transtornos à doutrina.

Palavras de boa, de sensata propaganda, que é necessário transcrever e levar a toda a parte onde haja núcleos espíritas que carecem de orientação, para que seus trabalhos sejam forças concorrentes, em vez de factores de desagregação doutrinária.



Boletín de la Agrupación Estudiantil Camilo Flammarion, de Buenos Aires, publica um Editorial

Uma delas está de acordo quanto ao pormenor da crença, mas todas elas se encontram na mesma linha de cumiada: a Entidade Suprema; chame-se Deus, Brama, Buda, Allah... Supremo Arquitecto, Suprema Inteligência, Supremo Ser ou Autor das Coisas...

As opiniões são livres e a sua objectivação livre é, igualmente, desde que não escandalize as opiniões contrárias. Mas as opiniões só valem o que valer a conduta de cada um. Só os nossos actos nos são levados em conta e não as nossas opiniões.

Estas três grandes divisões são os troncos: os ramos são numerosos e variados.

Diremos algo acêrca de cada uma delas.

de Tito Lívio Bancéscu, em que se analisa a posição do espírita, na sociedade em que vivemos:

O verdadeiro espírita — escreve — deve ser um homem superior, no mais amplo sentido da palavra. Porque o verdadeiro espírita não se limita a assistir, com pontualidade, às reuniões, a pagar, religiosamente, as suas cotas, a praticar alguma caridade às furtadelas. Tal espírita não se diferenciara do crente vulgar que frequenta a igreja, em busca da absolvição dos pecados cometidos durante a semana, a fim de poder cometer outros na semana seguinte. Para o crente, o templo é uma espécie de cabotagem, onde pode descarregar o fardo de seus pecados. Não sei o que sucederia a essa pobre gente, no dia em que os templos sectários desaparecessem do mundo; pois, espíritas há que acorrem às reuniões, ou para entreter os ócios, ou devido à possibilidade de evocar o espírito dalgum ser querido, ou curar, simplesmente, o reumatismo. Como se vê, esquecem-se os verdadeiros objectivos que se devem ter em conta, na luta doutrinária. Ser espírita deste género, não altera em nada a essência das coisas, isto é, a estrutura moral do homem. O espírita de verdade é um indivíduo superior, repito, e superior pelo seu comportamento e seu exemplo, em primeiro lugar, pois se salienta da multidão — desde o lar até aos postos mais eminentes — visto que em toda a parte procura fazer autocritica e alijar parte do seu lastro de imperfeições humanas.

A meditação dos postulados espíritas leva a conclusões, segundo as quais é indispensável esforço permanente, a fim de harmonizar palavras e acções, num sacrifício que nos aperfeiçoe e nos resgate. Sem trabalho, sem renúncia, não há progresso moral, donde se conclui na improficuidade da acção que não tenha por lema sintonizar os preceitos da doutrina com as normas inflexíveis impostas ao indivíduo, como realidade social.



Psychic News, de 19 de Abril, publica um artigo a quatro colunas, acêrca do médium Kenneth Hilberry, ultimamente apanhado em fraude e que, durante alguns anos, conseguiu obter interessantes fenómenos, verdadeiros testemunhos da sua mediunidade. Infelizmente, Hilberry iludiu aqueles que acreditaram na sua triunfal carreira de médium, que acaba de terminar, mercê de fraudes premeditadas. Eis o que diz M. Barbanell, em editorial intitulado «Fraude»:

Publicamos na primeira página um relato de fraude, expondo os factos sem qualquer reserva ou hesitação, por entendermos ser este o nosso dever perante o Espiritismo. E a pesar de algumas pessoas nos terem incitado a suprimir a notícia deste embuste de-

O Espiritismo é causa de liberdade. Mal crê, quem crê que o Espiritismo é símbolo de liberdade. É causa viva de liberdade, é força actuante de liberdade e de luta pela dignidade de viver essa liberdade. O Espiritismo é reivindicação de idéias em função de liberdade criadora. O Espiritismo é força e consciência; é amor e responsabilidade; é função e é humanidade; é justiça e é verdade; é integridade, dignidade e civismo. Quer dizer: o Espiritismo é o novo homem. É a nova consciência do homem. É verbo e é realidade, ao mesmo tempo; é profundidade e elevação humana; é ideologia e comportamento; é meio e fim de elevadas aspirações de superação da dignidade de viver. É credo filosófico e verdade científica; é norte moral e postura social. É conhecimento e acção. Por isto, cremos na função superior do Espiritismo e na acção superior do homem. Um e outro são manifestações da mesma realidade.

Do «Boletín da Agrupación Estudiosa
Camilo Flammarion»

liberado, insistindo em que a sua divulgação prejudicaria a Causa, declaramos não aceitar semelhante maneira de ver. A nossa doutrina é baseada na verdade, que não pode ser prejudicada por qualquer exposição de fraude, pois já nos alvares do Espiritismo Moderno os sinceros adeptos usavam o mesmo critério, por sentirem a obrigação de dar a maior publicidade aos impostores.

Nenhum movimento poderia ter sobrevivido perto dum século, se tivesse por base a decepção e a fraude. Temos, pois, o dever de proteger o público contra os médiuns fraudulentos. Para nós, o Espiritismo é um depósito sagrado. Seremos os guardas duma grande verdade.

A fraude não é inerente ao Espiritismo, mas àquelas que a exploram, em benefício de interesses pessoais. A fraude existe, porque os embusteiros pretendem imitar os verdadeiros fenómenos psíquicos. Se não houvesse autênticas notas de banco, não haveria notas falsas. Todos os médiuns e instrumentos do mundo espiritual devem ser julgados pelas suas acções.

Uma parte da nossa tarefa é provar a sobrevivência. Eliminar a fraude é outra parte. Enquanto formos honestos nas nossas exposições e nas nossas defesas, seremos respeitados por toda a gente. Com a queda de Kenneth Hilberry, terminou um capítulo, mas a história do Espiritismo prossegue. A sua verdade não pode ser negada, lá por que apareceu um espertalhão nas nossas fileiras.

Só a rectidão de procedimento impõe o homem e as idéias que se defendem. Bem andou Maurice Barbanell em veicular, pelas colunas de *Psychic News*, este caso de fraude mediúnica. É para que não se afirme que o Espiritismo é alfôbre de intrujões vulgares, dando-se a entender que a mentalidade dos verdadeiros adeptos está abaixo de toda a discussão.

Vingança e perdão

pelo Dr. A. D. Pratas

A vingança e o perdão definem, pelo seu antagonismo, o grau de evolução espiritual do homem em cujo coração uma ou outro se manifesta.

A vingança nasce do ódio, assim como o perdão se gera do amor.

Aquela excita, este acalma. Aquela provoca o desassocêgo no próprio que tal sentimento nutre; este, o perdão, pelo contrário, oferece-lhe o bem-estar, uma como que volúpia de prazer espiritual, que lhe faculta sentir-se feliz e satisfeito consigo mesmo.

A vingança embrutece; o perdão santifica. A vingança cega os homens; o perdão ilumina-os. A vingança perturba os ânimos; o perdão esclarece-os. A vingança causa a inquietude, a dissensão e quantas mil desgraças; o perdão gera a tranquilidade, a união e o bem de todos.

A vingança empana os bons sentimentos com que o homem se deve ornamentar; o perdão, pelo contrário, enaltece-os, abraça-os e obedece-lhes.

A vingança destrói; o perdão constrói. A vingança mata; o perdão salva e vivifica. A vingança, emfim, vive nas trevas em que repousam... — repousam?... Não!... — em que se agitam as almas pouco evoluídas; o perdão vive na luz que intensamente faz brilhar as almas sãs, as almas em que apenas a virtude encontra guarida.

Felizes, pois, os que sabem perdoar, — não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes —, porque êsses pertencem ao número daquêles acerca de quem Jesus disse (Mat. VI-14): «se vós perdoardes aos homens as ofensas que tendes dêles, também vosso Pai celestial vos perdoará os vossos pecados»; mas desgraçados daquêles em cujo coração a vingança se enraizou, pois que, contrastando com os que sabem perdoar, incorrem êsses na seguinte sentença com que Jesus completou o seu pensamento: «Mas, se não perdoardes aos homens, tão pouco vosso Pai vos perdoará os vossos pecados».

Coimbra, 13/XII/1940.

ALLAN KARDEC

UMA VONTADE

pelo Dr. Luís M. di Cristóforo

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na Argentina)

Nem sempre às causas se deve a primeira segurança dos assertos.

A. de SOLIS

Vidas há, cuja trajectória é todo um cântico. Foi assim a de Allan Kardec, um cântico de vontade inquebrantável, vontade dirigida para um só fim. Sempre devotado e sincero, o seu objectivo era idealista.



ALLAN KARDEC

Se a capacidade da sua alma estivesse à altura da sua vontade, Kardec teria sido um génio. Teve muito dinamismo, mas faltaram-lhe asas. Contudo, vibrou. Identificou-se, transfundiu-se e multiplicou-se com as idéias que sustentava. Nesse sentido, o seu

exemplo é de rigorosa austeridade. Kardec enche toda uma época, não do Espiritismo francês, mas do Espiritismo mundial, época para a qual contribuiu com denodo e conseguiu captar inteiramente. Todavia, essa época passou. Já não torna a voltar.

A época a que nos referimos vibra e palpita na obra kardeciana e talvez com mais pujança do que a pujança do mestre em relação à sua própria época. O Espiritismo chegou até ele, como as coisas chegam aos visionários, isto é, imperfeitamente. E a sua tarefa ficou incompleta, tal como sucede à obra de todos os visionários. Tem, porém, a seu favor, um poder aliciante que soube dominar em absoluto. É um mestre à sua maneira, com todo o empirismo que a sua doutrina — como coisa que começa — pode arrogar-se ou ter necessidade de possuir. Cria uma modalidade inconfundivelmente kardeciana, quanto à apresentação e resolução dos problemas doutrinários: certo nos juízos, pródigo nas

imagens, religioso no estilo e místico no fundo. Eis aí Kardec. É um romântico do Espiritismo. A sua pena, às vezes, flui em cintilações felicíssimas. Escreveu muitíssimo. Muitos lugares comuns e algumas coisas boas, sabendo procurá-las. Nas «Obras Póstumas», encontra-se o melhor da sua personalidade. Eis a síntese da ubiquidade moderna de Kardec no Espiritismo. Hoje, impõe-se a revisão das suas obras fundamentais, para que possam grangear adeptos modernos. Ou, então, arquivá-las totalmente num velho museu, onde ninguém possa discuti-las.

Estudando seriamente Allan Kardec, surpreendemo-nos cheios de melancolia característica, melancolia esperançosa, funda espiritualidade em surtos luminosos e grande nostalgia do Além. E adensamo-lo, em impulso meditativo, que é o mesmo que dizer — em dor. Na exposição dos seus princípios, torna-se cada vez maior, para cair, seguidamente, na sua cabal explicação. E decai, em virtude da grande loucura que esteriliza os melhores esforços: fala num idioma que empresta ao seu Ideal e não na sua própria linguagem, a linguagem que nasceu consigo. Kardec fala religiosamente, porque a dor o eleva à categoria de símbolo. Se falasse como espirita, isto é, como homem, é possível que a dor o tivesse levado à vindicação; e em vez de ser um pensador que se manifesta, converter-se-ia num jogral que palra.

Há problemas que lhe escapam das mãos. Para satisfazer suas ânsias novas, só consegue percorrer caminhos velhos. Foi o seu erro inicial.

Kardec teve a sua hora, disse a sua palavra, cumpriu a sua missão, mas não deixou de ser um criador. Tanto assim, que a geração que lhe sucedeu e à qual pertencemos, sente a força e a alegria de saudá-lo, na aurora duma nova era para a doutrina.

Mas Kardec legou-nos ensinamentos um pouco esquecidos: nem homens, nem nomes; somente idéias e princípios. Desprezando o primeiro, (de que tanto se

abusa), nós utilizamos o segundo. Sem sermos kardecistas, compreendemos Allan Kardec.

Quando a grandeza passada, se acaso a houve, não estimula o presente, embora o satisfaça, podemos chamar-lhe uma desgraçada hipoteca. Kardec teve o defeito de estudar demasiadamente os mortos. Se as práticas espíritas nos limitassem às comunicações com os desencarnados — o que, de certo modo, equivaleria a olhar para trás — apenas conseguiriam matar os germes construtivos, que pode ter cada um dos seus elementos, e apagar todo o sentimento original e criador, provocando o amortecimento da sensação crítica e a paralização do principal fim do Espiritismo.

Como se vê, já determinámos claramente, e uma vez mais, a posição de Kardec. Em todo o caso, nunca faremos o que desejamos para nos reduzirmos, fatalmente, à modelação do trabalho realizado. Podemos dizer que os nossos mestres deixaram, aparentemente, de existir, revivendo em nós, nas nossas práticas. A verdade, porém, é bem diferente. Seguir-nos-ão, reprimindo-nos; e só continuaremos a reproduzir as migalhas que permitam a margem limitada que os mestres sabem deixar àqueles que os seguem, como verdadeiros discípulos. Pela nossa parte, saberemos ser continuadores.

O clássico, quando nos leva à perda da sensação vivificante de criar, de saber fazer, pensar e sentir cada momento do nosso próprio ritmo, é extremamente nefasto. A obra consiste, realmente, em libertar o Espiritismo da velha técnica tradicional. Se no Espiritismo há, de facto, tradição, ela deve ser uma força e jamais um fardo, por mais glorioso que seja. Só assim explicaremos a nossa doutrina como força que se universaliza, buscando o caminho ainda não encontrado. Esse caminho é para o espírito uma atitude impulsora e criadora.

Acêrca dos fundamentos científicos do Espiritismo, é forçoso reconhecer que a Kardec pertence a concepção doutrinária da primeira hora, mediante a aplicação racional dos fenómenos rudimentares, até então obtidos. A idéia espírito bulhosa, que até esse momento latia imprecisamente e constituía os pródromos duma inquietação e dum sentimento, em face de princípios e factos novos, adquire súbitamente um novo sentido com Kardec: o sentido do princípio integralista, o sentido da ciência integral inquirido por Kardec e que foi achado por Crookes, Delanne e Geley.

E com o mesmo ritmo com que a nova doutrina se expandia, alguns núcleos e esforços são, sonhadores e infatigáveis, enunciavam a sua posição e respeito do ideal comum, com a sua contribuição fenomenológica, com suas avançadas conclusões filosóficas e doutrinárias, tudo tendente a uma organização cada vez mais perfeita. As inquietações contribuíram para a realização, embora, como se aconteceu, não tivessem acertado com a explicação primária. E foi assim que o conhecimento provocou cisões. Os inquietos apareceram como traidores, traidores por possuírem uma melhor idéia da verdade. A qualificação foi o preço do progresso. Como todas as gerações novas, somos portadores da nossa cultura — cultura profundamente humana — trazemos a nossa própria sensibilidade. A nossa retícula possui um só perfil e não esqueçamos que o perfil do que sentimos e do que anhelamos é o mais verdadeiro dos nossos perfis. Cremos que não basta a sede de agir, sem a condição de compreender. Esperamos um novo dia para o Espiritismo. Nos nossos lares, esse novo

Reflexões do Além

(Mediúnico)

por Henrique Magalhães

Sede humildes, para poderdes obter as graças do Senhor. O cultivo da humildade deve ser a vossa maior preocupação. Estudai os ensinamentos de Jesus impregnados da humildade por Ele prégada, e tereis justificado, aos olhos de Deus, o vosso esforço.

Fazei esforços para conseguir plantar em vossos corações a árvore do amor que vivifica.

Orai pelos que erram, pois que as vossas preces os ajudarão a sair do lamaçal vicioso em que chafurdam.

Só agrada a Deus, aquele que faz esforços para se desenvencilhar dos vícios.

Orai e vigiai, disse Jesus. Para que a oração dê resultados apreciáveis, torna-se necessário pôr em movimento o motor da vontade ao serviço do pensamento. Assim, a oração que se fizer eleva-se ao ponto visado, confortando aqueles a quem foi dirigida.

Vigiai, no recôndito do vosso EU, os vossos pensamentos, pois, pode ser que, nos escaninhos do vosso espírito, se esconda o traidor da vossa evolução.

Não perdoeis sete vezes, mas sim, setenta vezes sete vezes, disse Jesus. Só no perdão achareis motivo de reconciliação. Só pela reconciliação conseguireis amar-vos e caminhar para a perfeição.

Não se ria o vosso coração, quando o coração do vosso irmão chorar.

Defendei o direito, nem que, para isso, tenhais de sofrer as investidas dos grandes da Terra. Nos seus ataques, jamais conseguirão vencer a Luz, que emana do Altíssimo.

dia surgirá dum congresso nacional amplíssimo reconhecido pelas autoridades, pela qualidade dos seus componentes e pela orientação que tiver, pois encontrará meios de limitar uma desordem que nada justifica, mas que, assim o entendemos, assinala a responsabilidade dos que nada fazem para isso, embora pese às organizações e aos cargos em que, incidentalmente, possam ser investidos.

(Tradução de I. D. S.)

Notas & Comentários

Dr. Lôbo Vilela

Os leitores sabem que o nosso estimado colaborador Dr. Lôbo Vilela se encontra no Brasil, onde o levaram questões particulares relacionadas com a Editorial «Inquérito», a cuja direcção e administração pertence. Por este motivo, ficámos privados dos seus artigos magistrais, que tanto realce davam às colunas de Estudos Psíquicos. Não foi, pois, sem viva emoção, que abrimos o Reformador de Fevereiro último e lemos o excerto dum livro que o Dr. Vilela tem no prelo e que em breve folharemos, para nosso regalo espiritual.

Eis os comentários ao assunto, feitos pelo órgão da Federação Espirita Brasileira:

«Os espiritistas do Brasil, pelo menos os estudiosos e cultos, não desconhecem este nome, que representa uma bagagem de bons e reais serviços à difusão da Doutrina Espirita, principalmente em Portugal, sua pátria, onde goza de merecido conceito de pioneiro da «primeira hora», com António Freire, Pedro Cardia, Faure da Rosa, Isidoro Santos e outros valores de vanguarda.

«Fundador do Federação Espirita Portuguesa, director activo e efectivo da Revista de Espiritismo, Lôbo Vilela, como legítimo cientista que é, pois que é engenheiro e, portanto, mentalidade afeita a disciplinas matemáticas, se tem distinguido pelo apuro analítico dos seus trabalhos, cujo maior mérito, ao que se nos afigura, está menos na originalidade das idéias, do que na facilidade com que aborda, por dilucidá-las, as mais áridas teorias psicológicas, popularizando-as, por assim dizer.

«O artigo com que, por nímia gentileza sua, valorizamos este número de Reformador, constitui parte dum capítulo de mais um livro de sua autoria e vale como premissa de aferência do valor intrínseco dessa obra já no prelo e cujo título é «Destino Humano».

«Por este excerto, é fácil inferir a grande erudição do prezado confrade, ao demais servida por dialéctica impecável, de boa extirpe literária.

e o nosso abraço pessoal ao ilustre confrade, aqui o «Com este eco, renovamos o nosso agradecimento aguardando com mais frequência.»

O excerto intitula-se «Incorporação Espirista» e é boa amostra do que será o livro anunciado.

Sociedade dos Médicos Espiritas

O homem põe e Deus dispõe e nem sempre o «diabo está atrás da porta», como se diz vulgarmente. Andaram os médicos alópatas brasileiros a pedir excomunhão para a Hora Espirita Radiofónica que, a-pesar-de tudo, continua a emitir os seus magníficos programas; andaram a vituperar o Espiritismo, tratando-o como peste altamente contagiosa, digna de «cordão sanitário» a cargo das autoridades policiais; representaram ao Presidente Getúlio Vargas, pedindo a interdição, pura e simples, das praticas espiritas... e, a-final, tudo foi contraproducente e inútil, ou, antes, producente e útil para a Causa, que já dispõe duma Emissora de 20 quilovátios em S. Paulo, onde os espiritas se contam por centenas de milhar, não esmorecendo o entusiasmo e a esperança de alcançar um milhão de sócios para a manutenção de Rádio Piratininga, — a Estação dos Espiritas.

Pois, agora, está em formação a Sociedade dos Médicos Espiritas Brasileiros, como se depreende da seguinte local de Mundo Espirita.

«Lançada pelas nossas colunas a idéia do nosso culto confrade Dr. Levindo Melo, sugerindo a formação duma Sociedade dos Médicos Espiritas, logo encontrou eco, o que bem revela a sua feliz inspiração. Assim é que, logo que o nosso jornal começou a circular, o vespertino Vanguarda se referiu, imediatamente, ao assunto, apoiando-o com palavras de incitamento e aplauso.

«Compreendendo a necessidade da fundação dum cenáculo de médicos espiritas — e são vários os médicos que, militando na doutrina, não fazem reserva da sua qualidade de espiritas — este jornal também aplaude a grandiosa iniciativa, para cuja propagação continuam abertas as suas colunas — e encarece o pronunciamento dos nossos confrades médicos, pois são numerosos os que, em diferentes pontos do Brasil, a exemplo de Inácio Ferreira, Areobaldo Lélis e tantos outros, prestam grande serviço à Doutrina, mas não têm meio de intercâmbio constante com os demais colegas e confrades desta capital e outros centros populosos. Ora, uma Sociedade nos moldes idealizados pelo Dr. Levindo Melo, além de aproximar os médicos, farmacêuticos e dentistas adeptos do Espiritismo, proporcionará grande desenvolvimento cul-

BIBLIOGRAFIA

MONUMENTO DE CARLO BOURLET (ESPERANTO MODELO). Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira.

PROSSEGUINDO na tarefa de vulgarizar o Esperanto, a Livraria da Federação Espirita Brasileira reuniu uma série de artigos do grande amigo do Brasil, Carlo Bourlet, escritor em Esperanto, e lançou-os numa edição cuidada, como homenagem ao introdutor, no Brasil, da língua internacional, em boa hora criada por Zamenhof.

Este interessante livro destina-se a servir de leitura nos cursos superiores de Esperanto.

I. D. S.

PIGMEUS CONTRA GIGANTES, por Leopoldo Machado. Edição do autor. 206 páginas.

LEOPOLDO MACHADO é um extraordinário temperamento de lutador que ao Espiritismo tem dedicado todo o seu entusiasmo e toda a sua inteligência. Depois de triunfar na tribuna e no jornalismo, aproveitando as horas de folga do Gimnásio que dirige em Nova Iguaçu, Estado do Rio, este nosso amigo e colaborador lembrou-se de fundar a *Hora Espirita Radiofônica*, que todas as 5.^{as} feiras faz vibrar o éter, levando aos quatro cantos do Brasil o verbo inflamado de oradores espiritas. Rodeou-se de elementos fortes e a idéia materializou-se, dando origem a que alguns médicos, entre eles o Dr. Carlos Fernandes, se insurgissem contra o empreendimento, chegando a recorrer ao Presidente da República e ao Ministro da Educação Nacional, para que a «peste rixa dos espiritas» fosse posta em bom recato. Ora, o prof. Leopoldo não se conteve e foi para a grande imprensa refutar, uma a uma, as razões do esculápio. E tão bem se houve na empresa, que os seus artigos constituíram êxito estrondoso. A prova disso está no invulgar acolhimento deste livro, onde estão incluídos os 26 belos artigos do autor, publicados em *A Nota*, *Mundo Espirita* e *Diário da Noite*. Cinco mil exemplares esgotados em 30 dias é o melhor reclamo desta

tural, facilitando estudos científicos que muita luz trarão aos conhecimentos do Espiritismo. E, felizmente, no Brasil já existem médicos espiritas, públicos e notórios, em número capaz de formar um cenáculo. Resta, apenas, que haja união e trabalho.

Sabemos que outros médicos têm acorrido ao apêlo em questão, motivo por que auguramos o maior êxito à iniciativa do Dr. Levindo Melo. ¡Para a frente, amigos! O Espiritismo deve ser invulnerável aos ataques e motejos de toda a espécie com que o mimosiem católicos, protestantes, agnósticos e materialistas,

obra, cuja sugestiva capa representa, por si só, a mais flagrante caricatura dos gigantes (materialistas e dogmáticos), acossados pelos pigmeus do Espiritismo, escudados na Moral, na Filosofia, no Bom Senso e na Lógica. Caricaturista e escritor prestaram um grande serviço à Doutrina. E os nossos leitores vão ter excelente ocasião de apreciar um polemista que sabe dignificar a Causa, sacrificando-se por ela.

I. D. S.

O CONSOLADOR — Obra psicografada por Francisco Cândido Xavier, ditada por Emmanuel — Edição da F. E. Brasileira — 1941 — 208 páginas.

É com o maior prazer intelectual que analisamos mais um livro ditado pelo bondoso e sábio espírito de Emmanuel ao seu médium predilecto F. C. Xavier.

Como nos anteriores, encontramos de tudo: desde as ciências aplicadas às especializadas; desde as abstratas aos ensinamentos evangélicos, vistos à luz meridiana do Espiritismo construtivo e tolerante.

Ler este autor espiritual é adquirir a certeza da existência dos desencarnados e na sua benéfica influência sobre os encarnados.

Bem fez portanto o Grupo Espirita Luís Gonzaga, de Pedro Leopoldo, em coligir e publicar estas centenas de perguntas e respostas que consubstanciam um feixe admirável de sãos ensinamentos, vindos do plano invisível e ditados por um espírito evoluidíssimo e culto, como o de Emmanuel.

No capítulo das religiões encontram-se explicadas as aparentes divergências dos vários credos cristãos. «O cristianismo é a síntese, em simplicidade e luz, de todos os sistemas religiosos mais antigos, expressões fragmentárias das verdades sublimes trazidas ao mundo na palavra imorredoura de Jesus», diz-nos Emmanuel a pág. 154 deste livro.

Porém, as formas antagônicas que os vários credos saídos da árvore cristã tomaram, preocuparam os componentes do grupo espirita Luís Gonzaga. E por isso perguntaram a Emmanuel qual foi a tarefa da Reforma.

Interessava-nos saber a opinião pessoal do autor sobre este assunto já tratado nas colunas desta revista. Eis a resposta clara de Emmanuel:

«A Reforma e os movimentos que se lhe seguiram vieram ao mundo com a missão especial de exumar a «letra» dos Evangelhos, enterrada até então nos arquivos da intolerância clerical, nos seminários e nos conventos.» Satisfaz-nos plenamente esta resposta. A missão da Reforma foi útil, embora os actuais crentes dêsse rito estejam cristalizados. Mais uma razão para que o Espiritismo seja tolerante e não veja nos seus irmãos, que seguem outros credos religiosos, antagonistas declarados, mas sim colaboradores indirectos dos princípios estabelecidos no «amai-vos uns aos outros» de Jesus.

S. E. M.

CONFISSÃO

CARTA AOS MEUS COLEGAS MÉDICOS

EM 1912, quando, no cargo de primeiro assistente da primeira secção, tive a intenção de ir para o Brasil, o que só poderia fazer demitindo-me do cargo oficial em estava investido, fui à Foz apresentar ao director da antiga Escola Médico-Cirúrgica, Dr. Cândido Pinho, a minha demissão e parti para o Rio de Janeiro.

Uma vez lá, regularizei a minha situação perante o Brasil e comecei a fazer a clínica que aqui me tinham ensinado; mas logo me fez espécie ouvir falar com saúde do Dr. Murinho, falecido havia pouco tempo. Soube então que fôra médico homeópata e ministro de Estado...

Depois, fui observando factos interessantes, como os de encontrar na rua, sãos e es-correitos, indivíduos que eu tinha tratado e abandonado, convicto da sua morte próxima.

Preguntava-lhes a rir:

— Você ressuscitou?

— Não, não morri. A família resolvera chamar um médico homeópata e ele pôs-me como vê.

Outros e outros factos foram calando em mim e resolvi comprar livros de Hahnemann e estudar teórica e praticamente a homeopatia.

Praticando-a no meu consultório com aquêles que a aceitavam, fui caindo na ver-

dade, até ficar só homeópata e desdenhar de quem me não quisesse assim.

Foi dêste modo que aqui reentrei em 1933 e ainda não pude dar a quem me procura senão remédios homeopáticos e tenho curado conscientemente muitos doentes.

Meditando, verifico que, antes de me dedicar à hemeopatia, tinha estudado e praticado o Evangelho de Jesus e o Espiritismo, em que também achei muita verdade. Em suma, estou transformado, científica e religiosamente, e hoje creio piamente em Deus.

¿Porque não me imitais, queridos colegas? É bem triste que prefirais amuar-vos comigo, como tenho notado, a procurar saber a razão da minha transformação. Hoje, tenho a consciência de ser útil aos sofredores.

Bani a vossa filosofia materialista, porque o seu fundador, Augusto Comte, quando morreu, lamentava aquêles que ainda o seguiam. E esta filosofia deletéria é contagiosa para os que vivem uma filosofia. Tornai-vos espiritualistas práticos e sabereis quanto vale termos a consciência de nós mesmos.

Hoje apenas sei amar e perdoar, como me ensinou Jesus.

Amigo dos colegas e de todos, amigos e animigos,

DR. ALFREDO MOTA

CACHOEIRA DOS PIRILAMPOS, obra psicografada por Gustavo de M. Pontes, atribuída ao espírito de António de Aquino. Edição da «Cabana de Lysis» — Rio de Janeiro, 1933 — 235 páginas.

ESTA pequena obra mediúnica é, afinal, um hino de louvor ao espírito de Augusto Comte, o fundador da filosofia positivista, que tanto tem dado que fazer aos filósofos espiritas.

Nestas páginas, porém, Augusto Comte apparece-nos revestido duma auréola, que ignorávamos.

António de Aquino defende tanto o antigo filósofo materialista, que chega a irmaná-lo com Cristo.

São do autor estas palavras: «Na época actual do progresso humano, são dois os esteios do seu evoluir: Comte e Cristo. A Ciência e a Cruz; o cérebro e o coração; uma completando outra, façamos dessas duas criaturas distintas o ser verdadeiro da nossa crença».

Não compreendemos muito bem o entusiasmo com

que o espírito de António de Aquino defende e proclama tão calorosamente as virtudes dum filósofo que, sem querer, contribuiu imenso para este ambiente de descrença com que todos os espiritualistas se têm de bater.

¿Comte, que depois de 1845 se esforçou por extrair da sua filosofia uma religião da humanidade, da qual se intitulou grande sacerdote, pode agora agradecer, no Além, o panegírico póstumo que outro espírito lhe traçou, a ponto de o igualar a Cristo!...

Tirante este senão, a doutrina exposta constitui uma série de lições de filosofia moral muito aceitáveis, sob muitos pontos de vista.

Por exemplo, esta frase: «Renunciar à terra, à riqueza, ao luxo, é libertar-se dela», revela a ética do frade que renunciou as mundalidades e se sente reconfortado dentro das paredes nuas da sua cela.

A edição é bem cuidada.

S. E. M.

Por esse mundo...

— A *Revista Espirita do Brasil*, de Dezembro passado, insere o depoimento de Leopoldo Machado, no inquérito ali aberto e intitulado: «¿Porque se tornou espirita?». Este nosso amigo diz que o livro que mais influíu na sua conversão ao Espiritismo foi «Na Sombra e na Luz», de Vitor Hugo, psicografado por Zilda Gama.

— A União Espirita Suburbana festejou em 1 de Dezembro último o «Dia das Vóvozinhas», como preito de homenagem às velhinhas de todos os asilos.

— A *Revista Espirita do Brasil* publicou, no número de Janeiro último, o depoimento do nosso redactor-correspondente Dr. Carlos Imbassahy, relativo ao inquérito que esta revista tem inserido, sob o título «¿Porque se tornou espirita?». Da sua resposta sucinta, se verifica: que estudou o Espiritismo por... acaso; que veio do catolicismo; que lê todas as obras, religiosas e científicas, relacionadas com o Espiritismo; que foi o livro de Léon Denis, «Depois da Morte», o que mais influíu na sua conversão e que se convenceu pelas obras e pelos factos.

— O Dr. Francisco Klörs Werneck concluiu a tradução da bela monografia «Breve História dos Raps», contendo muitos clichés relativos aos primeiros tempos do Espiritismo.

— Em 23 de Novembro de 1940, mais de 30.000 espiritas se reuniram no *Gimnasium* do Estádio Municipal de Daccaembi (S. Paulo), em homenagem à União Federativa Espirita Paulista e à Sociedade Rádio Piratininga. O *Revelador* publica curiosos aspectos dessa concentração gigantesca de confrades nossos, que enchiam o *Gimnasium*.

— O nosso representante no Rio de Janeiro, Henrique Magalhães, realizou uma importante conferência na Liga Espirita do Brasil, intitulada «Vultos do Espiritismo no Brasil», em que fez pormenorizada biografia de Anália Franco, fundadora de setenta e uma instituições e que tanto se distinguiu no magistério e literatura moral fluminense.

— Os jornais espiritas brasileiros e doutros países estão a recorrer ao aumento do preço da assinatura, para enfrentar a carestia do papel e das matérias primas, que aumentaram extraordinariamente. Mais vale aumentar o preço, do que morrer.

— Em 8 de Fevereiro último passou o 64.º aniversário da Sociedade Constância, de Buenos Aires, a cujo acto assistiram muitos sócios e agremiações congêneres.

A veneranda sociedade, apresentamos os nossos cumprimentos.

— A Fundação Marieta Gaio, de que é 2.º Tesoureiro o nosso prezado confrade e amigo sr. José Carlos de Chelmicki Afflalo, do Rio de Janeiro, publicou o Balanço do movimento da tesouraria, relativo a 31 de Dezembro de 1940. As pensões e os donativos avulsos atingiram a quantia de 94.854\$500, tendo fechado com o saldo de cerca de 175.000\$000.

— A Federação Espirita do Estado de Espírito Santo visitou, pelo Natal, a Penitenciária desta região

brasileira, tendo distribuído aos presos grande quantidade de doces, cigarros, frutas e bombons. Em seguida houve leitura dos Evangelhos e procedeu-se à visita do estabelecimento penal.

— A Universidade Espiritualista Americana, de Rosário, organizou, em Março p. p., um magnífico programa de conferências e de cursos, dignos do mais alto louvor: Dia 4, Curso de desenvolvimento espiritual; dia 6, Curso de História dos Iniciados Religiosos; dia 8, conferência «O Homem Futuro»; dia 15, conferência «O temor e as suas conseqüências na vida espiritual»; dia 22, conferência «Liberdade e filosofia»; dia 28, curso de quirologia, Etc., etc. Estes trabalhos estiveram a cargo dos nossos confrades Dr. Saltzman, Gurfinkel, Santiago Bovisio, Núñez Regueiro e D. Isabel Libert.

— O Prof. Leopoldo Machado acaba de publicar mais um livro, intitulado «Doutrina Inglória», acerca do contrôlo da natalidade à luz do Espiritismo. Obra de grande valor científico e doutrinário, tem a propriedade de demonstrar, perante a moral cristã, o erro de certas práticas, seguidas, infelizmente, por grande número de indivíduos que ignoram o mal que fazem à sociedade.

— O nosso colaborador e amigo sr. Dr. António Lôbo Vilela, actualmente no Rio de Janeiro, tem no prelo um livro importantíssimo, que os espiritas portugueses devem ler: «Destino Humano», se intitula a obra; e basta o nome que a subscreve, para se inferir do seu valor e da sua oportunidade.

— A Editorial Vitor Hugo, da Argentina, propõe-se editar todas as obras espiritas excluídas do mercado, após a guerra de Espanha. A iniciativa deve-se a Humberto Mariotti, director de *La Idea*, de Buenos Aires.

Aguardamos a chegada dessas obras, que muito valorizarão a bibliografia da especialidade. Oxalá não deixem de incluir os livros do Dr. Geley, que tanta falta fazem ao público português e hispano-americano.

— *The Two Worlds* publicou um artigo acerca da «Realidade do fenómeno psíquico», em que se prova que os raios infra-vermelhos tornam visível a matéria ectoplásmica. O articulista relata várias sessões com o médium Charles Basham e afirma ter observado formações de substâncias psíquicas, com aspecto de radiações douradas. Estas sessões foram realizadas à luz dos raios infra-vermelhos.

— *Aurora*, o belo quinzenário fundado há 48 anos por Inácio Bitencourt, reapareceu em Abril passado, mudando a redacção para a Rua do Carmo, 65, 4.º andar, Rio de Janeiro.

— Desencarnou Oscar Breyer, director de *A Rein-carnação*, órgão da Federação Espirita do Rio Grande do Sul. Antigo Director de Fazenda Municipal, Oscar Breyer pertenceu à direcção de várias sociedades espiritas daquele Estado brasileiro e até chegou a compor a revista *Eternidade*, editada pelos centros Allan Kadec e Dias da Cruz. Grande espírito e grande coração.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Como um soldado se tornou espirita

The Greater World publicou há pouco um artigo do sr. Oliver Casson, narrando a sua conversão ao Espiritismo. Diz êle que as experiências adquiridas no estrangeiro o levaram a aplicar aos outros o espírito cristão. Mais tarde, prostrado num hospital, verificou que havia uma lacuna na sua vida.

Um dia — continúa — foi transmitida uma mensagem a certa senhora, descrevendo o seu filho e a convivência dêste, bem como a máquina em que trabalhava, avisando-o de que tivesse cuidado com as mãos. E acrescenta:

— Quási que senti o sofrimento causado pelo acidente, quando transmitti a mensagem. Mas aquela senhora esqueceu-se de comunicar o aviso ao filho e no dia seguinte aconteceu o que estava previsto.

«Certa noite tempestuosa ouvi distintamente a voz do meu guia, aconselhando-me a seguir outro caminho para casa. Obedeci, a-pesar-de ter que percorrer maior distância do que costumava. Se eu tivesse seguido o caminho usual, teria sido vítima de gravíssimo acidente, pois o caminho fôra obstruído pela queda dumas árvores.

«Em 1934, tive a sorte de fazer uma viagem à Escócia, a qual durou sete meses, período êsse que me deu muita experiência e felicidade. Uma velhinha de 82 anos, há pouco falecida, disse-me: «Não sinto que tenha morrido. Desembaraçar-me-ei dêste velho corpo e rejuvenescerei. Só lamento não ter conhecido esta maravilhosa verdade, há mais tempo». O seu sorriso era testemunho da sua sinceridade. Vejo-o agora distintamente; e, por vezes, quando me sinto um pouco acabrunhado, as palavras e o sorriso desta senhora constituem para mim um verdadeiro tónico.

«Há cêrca de quatro anos, recebi uma mensagem por intermédio dum jovem médium, avisando-me de que deveria fazer uma viagem a região estranha que distava 400 milhas da minha residência e onde os guias espirituais me tinham destinado certa missão. Fiquei surpreendido, visto já ter combinado certos encontros para os lados de Aberdeen. Aceitei a comunicação, calculando que não teria dificuldades em realizar a viagem, embora os meus recursos me parecessem insuficientes. Contudo, durante as cinco semanas seguintes, fiz um percurso de 400 milhas em Oxford. Dias depois, estava empregado. Resolvi então, cumprir o resto da mensagem e, com auxilio dos espíritos-guias e dalguns colaboradores, realizei o que me fôra destinado. Há dez meses que o sr. Harry Johnson abriu um novo Centro Espirita em Headington».

Ê curioso como os nossos amigos do Além preparam tudo para nos levarem à modificação da vida e até dos próprios hábitos! Conhecemos muitos indi-

viduos que vieram para o Espiritismo por diferentes vias. Alguns dêles não acreditavam em Deus e outros combatiam ferozmente a nossa doutrina. Hoje são confrades prestimosos e dedicados. Verificam que o riso de Voltaire não passa de riso de estupidez...

Grande concentração espirita em S. Paulo

Promovida pela *Alvorada duma Nova Era*, de que é director o sr. António J. Trindade, realizou-se em Outubro último, em S. Paulo, uma grande concentração espirita, aproveitando, para o evento, o aniversário do nascimento de Allan Kardec.

A Associação Paulista de Imprensa, gentilmente cedida pelo seu presidente, Dr. José Maria Lisboa Júnior, serviu para a primeira reunião, cuja mēsa foi constituída pelo Dr. Lisboa, António J. Trindade, 1.º tenente Augusto Machado, como representante do Interventor Federal, Dr. João Baptista Pereira, presidente da Sociedade Metapsíquica de S. Paulo, Antenor Ramos, prof. Romeu de Campos Vergal, D. Maria Francisca Cotrim, Pedro Fernandes Alonso, Dr. Calazans de Campos, Domingos de Azevedo Neto, João Teixeira Paula e Coronel Amando Simões.

Fizeram-se representar muitas associações e jornais espiritas, não só do Estado de S. Paulo, como do resto do Brasil; e o acontecimento serviu admiravelmente para efectivar a verdadeira confraternização entre espiritas, donde sairão as directrizes de novo movimento que venha fortalecer ainda mais os alicerces da nossa Causa.

Os discursos proferidos pelos representantes das várias agremiações que assistiram à memorável concentração foram correctos e elevados e souberam corresponder ao generoso acolhimento das autoridades estaduais. Pode classificar-se de congresso o que se passou na Associação Paulista de Imprensa, na Sinagoga Espirita Nova Jerusalém, em Santos e Campinas, tão importantes foram as teses defendidas e comunicativo e entusiasmo de todos os que ali acorreram.

A primeira tese foi defendida pelo Dr. Romeu de Campos Vergal, ex-deputado espirita, e intitulava-se «O Espiritismo e os Problemas de Assistência Social notadamente a Educação». Os trabalhos realizaram-se na Casa dos Espiritistas, Rua Maria Paula.

O primeiro postulado do expositor era assim enunciado: «A expressão Fora da Caridade não há Salvação», deve ser substituída pela expressão «dever de realizar a solidariedade humana», contra o qual se ergueram os srs. coronel Amando Simões, Pedro Fernandes Alonso, Dr. Calazans de Campos, César Bianchi, António J. Trindade e Dr. João Baptista Pereira, defendendo enêrgicamente a máxima kardeciana, que jámais poderá ser substituída, pois *sem caridade*, o

homem é como o sino que tange mas não sôa, no dizer de A. Simões, que foi o primeiro a discordar.

A segunda tese: «A Metapsíquica como base científica do Espiritismo» teve por defensor o Dr. Noraldino de Melo Castro, de Belo Horizonte, que, durante hora e meia, concitou a atenção os ouvintes, demonstrando, exuberantemente, que as investigações metapsíquicas só têm provado a realidade do Espiritismo.

A terceira, «A Revelação, a Reencarnação e a Mediunidade em face dos Evangelhos», esteve a cargo de João Teixeira Paula e foi defendida no Teatro Municipal de Campinas, tendo-se o conferente mostrado à altura do assunto.

O Dr. Ary Lex defendeu a tese «As Teorias Espiritistas em face da Medicina». Da sua bem elaborada exposição ressaltou que o Espiritismo não precisa de ser conduzido pelo braço. A medicina é que não pode prescindir dos conhecimentos que o Espiritismo lhe fornece, acerca de certas moléstias.

A tese seguinte foi defendida em Santos, pelo Dr. Calazans de Campos. Intitulava-se «A Acção da Imprensa Espirita como factor da Fraternidade Humana» e a sexta e última foi defendida na Sinagoga Espirita pela Sr.^a D. Maria Francisca Cotrim e intitulada «A Mulher e o Espiritismo na Sociedade».

Ambas as teses foram brilhantemente defendidas.

Os trabalhos terminaram por uma bela saudação de Antenor Ramos, um dos secretários permanentes da Concentração.

A revista *Estudos Psíquicos* foi a única publicação espirita estrangeira que ali esteve representada. Encarregou-se da missão o sr. Homero Pereira, por incumbência do nosso querido representante no Rio de Janeiro e apreciado colaborador Henrique de Magalhães.

Congratulamo-nos com o magnífico resultado desta grande concentração espirita, lamentando que os espiritas doutras regiões não intensifiquem cada vez mais estas paradas de força espiritual, que justificam e dão extraordinário realce à nossa propaganda.

Estranho caso de precocidade

O grande cotidiano *Notícias Gráficas*, de Buenos Aires, publicou há pouco um telegrama datado de Rosário, acerca dum menino-prodígio que está assombrando a medicina oficial, a ponto de algumas estações radiodifusoras se terem referido ao assunto, assim como a imprensa argentina.

Trata-se dum menino de origem modesta, filho de trabalhadores do Chaco Santafezino. Chama-se Jorge Fernandes. A família surpreendeu-se muito com as inclinações do pequeno, pois que, enquanto os rapazinhos da mesma idade se entretinham a brincar, ele se dedicava, com sofreguidão, ao estudo da química, enchendo papéis de fórmulas, números, letras e sinais, etc. Foi quando resolveram consultar o médico a fim de procurar a explicação de tão estranho caso.

Jorge saía de casa todas as manhãs e sentava-se debaixo das árvores a estudar, não admitindo que o interrompessem.

Desde há muito demonstrara tendência para misturar anilinas e colorir os líquidos.

A propósito lembramos que tem uma irmãzinha de catorze anos, igualmente inteligente e que, segundo referem algumas pessoas que acompanharam Jorge à Faculdade de Ciências Médicas, é um portento na interpretação da teoria da relatividade.

O garoto deixou os sábios boquiabertos. Chegou à Faculdade, acompanhado pelo doutor Adolfo Elias, professor de química analítica qualitativa e director do Laboratório de Química Nacional, o qual fez a apresentação a professores e alunos. Pois Jorge Fernandes demonstrou conhecer absolutamente as bases da química inorgânica, além da teoria completa dos métodos de preparação de diversos compostos e a obtenção dalguns simples. Depois, traçou, numa lousa, fórmulas e sinais e explicou com grande propriedade como se preparava o gás metano.

Começando a prova em meio da incredulidade geral, acabou por receber fartos aplausos, com que todos coroaram a exposição que lhes era apresentada.

Um dos professores, não se conteve e exclamou: — ¡É extraordinário! Enquanto nós necessitamos, muitas vezes, de consultar certas fórmulas, este menino conhece-as todas!

Um dos professores afirmou que Jorge Fernandes faz lembrar Tomaz Alva Edison.

As experiências interessaram tão vivamente o Dr. David Staffieri, decano de Faculdade de Ciências Médicas, Farmácia e Ramos Menores a Universidade do Litoral, que este o vai submeter a nova prova, sendo natural que se façam diligências no sentido de proporcionar ao garoto os meios de se aperfeiçoar no estudo da química, esperando, assim, oferecer à Ciência daquele país um investigador susceptível de realizações excepcionais.

Mais uma vez a hipótese reencarnacionista é posta em relevo, mesmo por alguns dos que assistiram às experiências e que faziam gala da sua descrença.

A Nova Revelação

Muitos espíritos, mais filosóficos do que o meu, se têm sentido atraídos pela feição religiosa deste assunto e grande número de inteligências mais científicas do que a minha têm volvido a atenção para os fenómenos psíquicos. Até agora, porém, que eu saiba, ainda ninguém tentou demonstrar a exacta relação que existe entre os dois aspectos do problema. Entendo que, se me fôsse dado lançar alguma luz sobre esse ponto, muito teria contribuído para resolver a questão que mais importa à humanidade.

A senhora Piper, célebre médium, proferiu em 1899 algumas palavras que o Dr. Hodgson registou. Achando-se em estado de hipnose, foi levada a falar do Espiritismo religioso e declarou:

«No século vindouro, o Espiritismo ter-se-á tornado maravilhosamente acessível ao entendimento humano. Anunciar-vos-ei, além disso, uma coisa cuja realização podereis comprovar. A percepção das nossas relações com o Além será precedida de uma guerra terrível que abalará diversas partes do mundo. Antes que, pela visão espiritual, os mortais possam ver a seu lado os amigos que deixaram de viver na terra, mister se faz que o mundo inteiro seja purificado e por aquele meio é que ele alcançará a perfeição.

«Amigos, reflecti muito».

Tivemos a guerra terrível nas diferentes partes do mundo. Aguardamos que se cumpra o resto da pre-dição.

Dr. ARTUR CONAN DOYLE

NOTICIÁRIO

Ecos do nosso aniversário

Mundo Espirita, do Rio de Janeiro, teve a amabilidade de se referir ao aniversário de *Estudos Psíquicos*, em termos que muito nos penhoram. São dêle os seguintes parágrafos que agradecemos.

«Tendo completado o seu primeiro aniversário o Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, Portugal, na sua nova fase de vida sob a direcção segura de Isidoro Duarte Santos, a quem muito deve o Espiritismo de Além-mar, *Estudos Psíquicos*, que é o órgão oficial do Centro e, sem contestação possível, a mais completa e autorizada revista portuguesa de Espiritismo, também encerrou o seu primeiro ano de luta, na arena do jornalismo.

«É, pois, motivo de grande júbilo para todos que se iluminam nas páginas dessa revista, onde as mais brilhantes expressões de cultura atestam a grandeza da doutrina dos espíritos, estudada sob o seu triplice aspecto.

«*Mundo Espirita* transmite, nestas linhas, a *Estudos Psíquicos*, na pessoa do seu ilustre director, que também é nosso colaborador, Isidoro Duarte Santos, as suas mais calorosas felicitações e os seus mais sinceros votos de continuas e perenes prosperidades.»

«Ideal Cristão»

Com amável dedicatória, recebemos a oferta do 1.º e 2.º volume do *Ideal Cristão* (36 números) e um volume de *O Mundo Maior*, destinados à Biblioteca de *Estudos Psíquicos*. O oferente, nosso dedicado confrade António B. da Fonseca Baptista, no desejo de tornar conhecida a revista que em boa hora fundou, tem comprado várias colecções e obtido outras gratuitamente por intermédio de sócios do Centro Espirita Perdão e Caridade, que não colecionam aquela publicação.

A este prezado confrade, os nossos agradecimentos, fazendo votos para que a sua acção continui a exercer-se no meio espirita.

Para as vítimas do ciclone

Como dissemos no último número, o nosso Centro distribuiu 1.000\$00 pelas vítimas do ciclone, sendo 200\$00 enviados ao *Diário de Notícias* e os restantes 800\$00 distribuídos em donativos de 40\$00 aos seguintes indivíduos, cujos recibos acusamos em nosso poder: Maria Água-doce, Joaquina da C. Soares, Genoveva Lebrinha e Maria Henriqueta Bate-forte, de Beja; Maria Augusta Bernardes, Henrique Delgado, António Mota e João Esgaio Laborinho, da Nazaré; Francisco dos Santos, Maria André Viegas, Maria Roupinha e Joaquim Soares, de Faro e Pêra; Manuel do Nascimento, António Lopes, Guilhermina Zorra e Francisca Faria, de Sagres; Olívia Carvalho Solano,

Carolina S. Pereira, Ermelinda R. Peniche e Joaquina Rosa Salgueiro, de Alhandra.

«Psychic News»

Segundo carta que recebemos de Maurice Barba-nell, director do magnífico semanário espirita londrino *Psychic News*, verificamos que a sua redacção nada sofreu ainda, a-pesar dos constantes ataques aéreos alemães à cidade de Londres. *Psychic News* continua a circular e a ter larga distribuição no exército e marinha britânicas. Congratulamo-nos com a notícia, enviando um abraço de felicitações ao grande paladino.

Beneficência

Henrique da Silva Horta 50\$00

As nossas conferências

Nos últimos dois meses, realizaram conferências no nosso Centro os prezados confrades Dr. Fred, coronel Faure da Rosa e Dr. António J. Freire, respectivamente subordinadas ao título de «Concepções modernas sobre origem, evolução e relações recíprocas de matéria, energia, princípio vital e intelectual dos astros, da terra, do homem e do complexo alma-espírito», «Religiões» e «A crise da morte», tendo, tôdas elas, continuado a despertar o maior interesse, como se verificou pelo número de assistentes, que encheram literalmente, a sala.

À conferência do sr. Dr. Freire presidiu o ilustre cientista Professor Doutor Baptista Ramires, figura simpática e veneranda que se dignou honrar-nos com a sua presença. Este facto desvaneceu-nos profundamente, visto termos podido apreciar a extrema bondade e a elegância moral de S. Ex.ª, de quem nos confessamos admiradores e amigos, pedindo-lhe que continui a acompanhar a nossa modesta obra. Este distinto confrade prometeu colaborar em *Estudos Psíquicos*, logo que possa desvincular-se de certos trabalhos científicos que tem entre mãos. Por tudo, o nosso sincero agradecimento.

Assembleia Geral

No dia 19 de Junho, realizou-se na sede do Centro a Assembleia Geral destinada a eleger nova Direcção e demais cargos vagos nos corpos gerentes, tendo sido apresentadas duas listas. Venceu a seguinte lista, por 92 votos contra 17:

DIRECÇÃO

Presidente — Tenente Isidoro Duarte Santos

Vice-Presidente — Manuel Tavares

1.º secretário — Capitão Joaquim Estevão Rodrigues

2.º secretário — Eduardo da Silva Tavares
Tesoureiro — Amadeu Alves Dinis
Vogais — Rufino A. Lopes Bragança
» — Mário Alpoim de Azevêdo
» — Joaquim Dias

SUBSTITUTOS

Pedro Cardia
Joaquim Borges de Meneses
Alípio Ferreira da Costa
Antônio Joaquim de Amorim
Damião Teixeira
José Correia
José A. Pais de Carvalho
José Águas Serra

CONSELHO FISCAL

Presidente — Capitão Carlos Nunes de Castro
Paiva

Relator — Alfredo Nunes

SUBSTITUTOS

Major Eurico de Castro Graça Zuzarte
João José Pilar
Henrique da Silva Horta

ASSEMBLEIA GERAL (SUBSTITUTOS)

Coronel José Augusto Faure da Rosa
Ricardo Lino Correia
Joaquim Pama
Francisco P. Andrade Júnior.

Não foram substituídos os seguintes confrades:
Da Mesa da Assembleia Geral — Dr. Sebastião Elviro Martins, João José Alves, Custódio Rodrigues e Antônio Alexandre, bem como o sr. Antônio Castanheira de Moura, do Conselho Fiscal.

Estes corpos gerentes exercerão o mandato até 30 de Junho de 1942.

Grupos Espiritas

Formam-se mais os seguintes grupos espiritas familiares:

Grupo Espirita Allan Kardec, dirigido pelo nosso prestimoso confrade sr. Antônio Joaquim de Amorim e funcionando na Travessa da Glória, n.º 22, 4.º E. e o Grupo Espirita Joana d'Arc, dirigido pela nossa estimada consócia sr.ª D. Emília Baptista, funcionando na Travessa do Monte, 62, 1.º, D.

Passeio de Confraternização

No dia 7 de Setembro próximo, realizar-se-á um passeio de confraternização a Sintra, encontrado-se aberta a inscrição ao preço de 7\$50, ida e volta.

Saudações amigos

A *Revista Espirita do Brasil*, órgão da Liga Espirita do Brasil, enviou-nos fraternais saudações, pedindo-nos que sejamos intérpretes dos seus desejos de paz e prosperidade, extensivos a toda a imprensa espirita portuguesa.

ESTUDOS PSÍQUICOS

Em virtude do nosso apêlo ter sido apenas ouvido por alguns confrades dedicados, à frente dos quais se encontra o nosso estimado colaborador Dr. Alfredo Mota, que nos conseguiu 14 novos assinantes, somos obrigados a aumentar o preço da assinatura que, a partir de hoje, será de 15\$00 por cada seis números.

É com grande mágoa que fazemos esta declaração, verificando a indiferença que existe nas fileiras espiritas, relativamente aos seus órgãos de propaganda.

«Estudos Psíquicos» não tem receitas próprias e vive exclusivamente da assinatura. Assim mesmo, dentro das 32 páginas que contém, oferece mais abundante e variada leitura do que qualquer outra revista do seu género. O pequeno aumento sofrido, não deve, pois, influir no orçamento do leitor que se interesse por estes assuntos.

De resto, esta solução não resolve inteiramente o problema. Simplesmente o atenua, visto que só a afluência de assinantes de paga certa nos fornecerá os elementos indispensáveis à manutenção da revista.

Continuamos, portanto, a apelar para todos os amigos e simpatizantes, esperando em que novos tempos surjam, mais propícios à difusão dos ideais espiritas.

Ao ilustre confrade Deolindo Amorim, director daquela revista, os nossos agradecimentos, com a retribuição sincera dos nossos votos de felicidades.

Programa dos trabalhos do Centro, durante os meses de Julho e Agosto, na R. do Salitre, 149, 1.º D.

Dia 13 de Julho, às 16 horas — Conferência pelo Dr. Fred, intitulada «Pela Vitória do Espírito».

Dia 20 de Julho, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 27 de Julho, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 3 de Agosto, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 10 de Agosto, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 17 de Agosto, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 24 de Agosto, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 31 de Agosto, às 16 horas — Sessão experimental.